

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ANIMAÇÃO DA LEITURA

*Os Contos de Fadas e a Dimensão dos Valores
– o bem e o mal e suas representações
simbólicas*

Magda Ribeiro, Os Contos de Fadas e a
Dimensão dos Valores – o bem e o mal e
suas representações simbólicas, 2015

Trabalho de projeto apresentado à
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação
Especialização em Animação da Leitura

Por **Magda Carina Dias Ribeiro**
Sob Orientação da **Doutora Joana Cavalcanti**

Março 2015



PAULA
FRASSINETTI

OS CONTOS DE FADAS E A DIMENSÃO DOS VALORES

- o bem e o mal e suas representações simbólicas

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: área de especialização em Animação da Leitura realizado sob a orientação científica de Doutora Joana Cavalcanti.

Magda Carina Dias Ribeiro

Porto

2015



Aos meninos e meninas que participaram neste projeto.

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Literatura para a Infância, Contos de Fadas, Irmãos Grimm, Representações Simbólicas, Educação para os Valores, Valores do Bem e do Mal.

Ao longo dos anos, a educação focou-se em contribuir para a formação das crianças em sujeitos críticos, responsáveis e atuantes. Atualmente vivemos numa sociedade onde as interações sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual, pelo que o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança é fundamental.

Reconhecemos a literatura para a infância e os contos de fadas como um dos caminhos que leva à criança a desenvolver a imaginação, emoções, valores e sentimentos de forma lúdica e significativa, sendo um importante instrumento transformador na personalidade da criança. Com a leitura, a criança amplia o seu conhecimento do mundo e da sociedade que a rodeia aprendendo novos valores, culturas e costumes.

Neste projeto de investigação qualitativa, pretendemos perceber a importância da literatura para a infância, especialmente os contos de fadas, na formação das crianças, sobretudo no que diz respeito à identificação de valores, dinamizando um conjunto de ações com a finalidade de ajudar a criança a identificar os valores do bem e do mal e as suas representações simbólicas nos contos de fadas dos irmãos Grimm. Para a recolha de dados, servimo-nos da observação direta e participante e de filmagens das sessões de intervenção recorrendo ao preenchimento de escalas de observação.

A partir dos dados recolhidos pudemos constatar que os contos de fadas possibilitam processos de identificação e projeção, assim como através deles as crianças conseguem reconhecer os valores do bem e do mal e, ainda, outros valores que se associam a estes.

ABSTRACT

KEYWORDS: Literature for Children, Fairy Tales, Brothers Grimm, Symbolic Representations, Education for Moral Principles, Principles of Good and Evil.

Over the years, the education focused on contributing to the development of children into critical, responsible and active subjects. Nowadays, we live in a society where social interactions happen fast through reading, writing, and spoken or visual language. Therefore, the social, emotional and cognitive development of the child is extremely important.

We acknowledge the literature for children and the fairy tales as a path that leads to the development of the child's imagination, emotions, principles and feelings in a playful and significant way, being an important changing instrument on the personality of the child. Through reading, the child enhances his/her knowledge of the world and the society that surrounds him/her, while learning new principles, cultures and customs.

In this qualitative research project, we intend to understand the importance of the literature for children, in particular the fairy tales, in their education and more specifically in the promotion of values, by developing a set of actions with the objective of helping the children to identify the principles of good and evil and its symbolic representations in the fairy tales written by Brothers Grimm. For collecting the data, we used direct and participative observation and also filming from the intervention sessions, resorting to the completion of grids of observation.

By analyzing the obtained data, we can establish that the fairy tales enable mechanisms of identification and projection. Through them, the children are able to identify the principles of good and evil as well, and also, other principles that are related to these.

AGRADECIMENTOS

À orientadora, Professora Doutora Joana Cavalcanti, pelo apoio e incentivo dados desde o início deste projeto, à sua compreensão e flexibilidade durante os obstáculos enfrentados e aos ensinamentos que agregam os mais variados valores.

À Professora Doutora Cristina Vieira, pelo apoio, disponibilidade para tirar dúvidas, pelo encorajamento e estabelecimento de metas.

Às Educadoras Carla Lima, Manuela Nogueira, Otília Gonçalves e Benedita Sousa, pela ajuda, tempo disponibilizado e participação no projeto.

Às crianças participantes e aos seus pais, que gentilmente confiaram neste trabalho e possibilitaram a sua realização.

À minha amiga Rosário Oliveira, pela amizade, companheirismo, apoio nos momentos menos bons e pelo acreditar que seríamos capazes.

Ao Jorge Costa pelo seu apoio, encorajamento, disponibilidade e prontidão no apoio ao estudo e pela partilha de conhecimentos pessoais e académicos.

Aos meus pais, por toda a paciência em épocas mais conturbadas, pelo amor e carinho demonstrados, por acreditarem em mim e pelo apoio incondicional.

A todos os amigos e família, pela paciência, compreensão, por nunca terem reclamado a minha ausência e sempre me terem incentivado a seguir os meus sonhos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
DESIGNAÇÃO DO PROJETO	5
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
1.1 A Literatura para a Infância e a Sala de Aula do Pré-Escolar	7
1.2 O Contos de Fadas e a sua Contextualização Histórica	9
1.3 A Importância do Conto de Fadas como Género Literário destinado à Infância	13
1.4 A Pedagogia do Conto de Fadas.....	16
1.5 O Conto de Fadas e Psicanálise	19
1.5.1 As Representações Simbólicas no Conto de Fadas.....	21
O Capuchinho Vermelho	24
A Branca de Neve.....	26
Hänsel e Gretel	27
A Guardadora de Gansos.....	28
Irmãozinho e Irmãzinha	29
A Mãe Holle.....	30
1.6 A Dimensão dos Valores no Conto de Fadas: o Bem e o Mal.....	31
2. CONTEXTO DE INTERVENÇÃO	
2.1 A Instituição.....	36
2.2 Os Participantes.....	37
3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	
3.1 Paradigma da Investigação	40
3.2 Observação Direta e Participante	42

4. TRATAMENTOS E RECOLHA DE DADOS	
4.1 Instrumentos	44
4.1.1 Filmagens	44
4.1.2 Escala de Observação Direta.....	44
4.2 Procedimento	45
4.2.1 Sessões de Intervenção	46
Sessão 1 - O Capuchinho Vermelho	49
Sessão 2 - A Branca de Neve	51
Sessão 3 - Hänsel e Gretel.....	54
Sessão 4 - A Guardadora de Gansos	56
Sessão 5 - Irmãozinho e Irmãzinha	58
Sessão 6 - A Mãe Holle	60
4.2.2 Filmagens das Intervenções	63
4.3 Resultados	64
4.4 Discussão de Resultados e Conclusões	74
5. RECURSOS	81
6. AVALIAÇÃO	82
7. DISSEMINAÇÃO	83
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

ANEXOS

Anexo 1 – Escala de Observação Direta de Comportamentos, Atitudes e Emoções

Anexo 2 – Guião da Sessão nº1

Anexo 3 – Materiais de apoio à sessão nº1

Anexo 4 – Trabalhos resultantes das atividades e registos fotográficos da sessão nº1

Anexo 5– Guião da Sessão nº2

Anexo 6 – Materiais de apoio à sessão nº2

Anexo 7 – Trabalhos resultantes das atividades e registos fotográficos da sessão nº2

Anexo 8 – Guião da Sessão nº3

Anexo 9 – Materiais de apoio à sessão nº3

Anexo 10 – Trabalhos resultantes das atividades e registos fotográficos da sessão nº3

Anexo 11 – Guião da Sessão nº4

Anexo 12 – Materiais de apoio à sessão nº4

Anexo 13 – Trabalhos resultantes das atividades e registos fotográficos da sessão nº4

Anexo 14 – Guião da Sessão nº5

Anexo 15 – Materiais de apoio à sessão nº5

Anexo 16 – Trabalhos resultantes das atividades e registos fotográficos da sessão nº5

Anexo 17 – Guião da Sessão nº6

Anexo 18 – Materiais de apoio à sessão nº6

Anexo 19 – Trabalhos resultantes das atividades e registos fotográficos da sessão nº6

Anexo 20 – Gráficos resultantes da análise às escalas de observação direta.

Gráfico 1 – A criança está concentrada na leitura da história.

Gráfico 2 – A criança demonstra interesse pela história à medida que os factos são narrados.

Gráfico 3 – A criança fica admirada com os acontecimentos da narrativa.

Gráfico 4 – A criança demonstra impaciência decorrente do desejo de conhecer rapidamente o desenrolar da história.

Gráfico 5 – A criança demonstra falta de atenção com o decorrer da história.

Gráfico 6 – A criança manifesta medo/ ansiedade/ tensão em determinado momento da história.

Gráfico 7 – A criança demonstra alegria/ satisfação em determinado momento da história.

Gráfico 8 – A criança assusta-se em determinado momento da história.

Gráfico 9 – A criança suspira em determinado momento da história.

Gráfico 10 – A criança mexe-se constantemente ao longo da leitura.

Gráfico 11 – A criança movimenta-se para um lugar diferente daquele onde decorre a atividade.

Gráfico 12 – A criança revela alívio com a resolução da problemática da história.

Gráfico 13 – A criança demonstra satisfação com o final da história.

Gráfico 14 – A criança realiza comentários ao longo da história.

Gráfico 15 – A criança coloca questões no decorrer da leitura.

Gráfico 16 – A criança pede ao adulto que recontе a história.

Gráfico 17 – A criança pede para recontar o final da história.

Gráfico 18 – A criança realiza conversas paralelas ao grande grupo durante a leitura.

Gráfico 19 – A criança espera pela sua vez de falar em grande grupo.

Gráfico 20 – A criança promove interação com os colegas em grande grupo.

Gráfico 21 – A criança promove interação com o adulto em grande grupo.

Gráfico 22 – A criança demonstra indignação com as ações das personagens.

Gráfico 23 – A criança sente empatia com as personagens que representam os protagonistas.

Gráfico 24 – A criança sente empatia com as personagens que representam os antagonistas.

Gráfico 25 – A criança identifica-se com o herói da história.

Gráfico 26 – A criança identifica-se com o vilão da história.

Gráfico 27 – A criança avalia os comportamentos do herói da história (identifica o bem).

Gráfico 28 – A criança avalia os comportamentos do vilão da história (identifica o mal).

Gráfico 29 – A criança relaciona os comportamentos entre o herói e o vilão da história.

Gráfico 30 – A criança estabelece uma relação entre o bem e o mal apresentado na história.

Gráfico 31 – A criança relaciona os factos da história com a vida real (situações, pessoas, imagens do quotidiano...).

Gráfico 32 – A criança reage face ao texto original e ao texto adaptado.

Gráfico 33 – A criança acrescenta novos valores ao texto.

INTRODUÇÃO

A literatura para a infância surgiu justamente com o objetivo principal de educar moralmente as crianças. Os contos de fadas, nomeadamente nas suas versões originais, têm uma estrutura maniqueísta com a intenção de demarcar claramente o que é o bem e o mal. Entendemos que existe a necessidade de compreender como o leitor se envolve com o conto de fadas e como deve ser utilizado este tipo de texto literário para a identificação de valores em crianças de Jardim de Infância.

Foram muitas as motivações que nos fizeram optar pelo tema em questão, desde aquelas mais relacionadas com as necessidades profissionais até às de razão mais pessoal. Partilhamos que na atual conjuntura, é cada vez mais difícil ensinar às crianças os valores do bem e do mal, o certo e o errado, mas acreditamos por isso que a realidade contemporânea nos impõe uma ação pedagógica que caminhe na construção de uma educação para a vida.

Inserindo-se este projeto num mestrado no âmbito das Ciências da Educação com especificidade na Animação da Leitura, foi nossa intenção conceber uma investigação que pudesse trazer algum contributo para o conhecimento na área da formação de valores e como se pode recorrer aos contos de fadas para a promoção e identificação destes nas crianças. Entendemos que ao sensibilizar às crianças para o reconhecimento do bem e do mal nos contos, estaríamos, também, a promover a capacidade crítica e reflexiva das mesmas.

Pretende-se com o presente trabalho realizar uma investigação sobre a importância da literatura para a infância, mais concretamente, sobre os contos de fadas na identificação de valores. Procuramos aprofundar os conhecimentos sobre o contributo dos contos de fadas, para a formação moral e ética das crianças e oferecer aos docentes de Jardim de Infância, atividades de animação de leitura dos contos de fadas, possibilitando material científico que possa orientar à prática na formação de leitores no que diz respeito aos contos

de fadas e as suas infinitas possibilidades pedagógicas, sobretudo na construção de valores.

Pretendemos suscitar nas crianças a discussão sobre estes valores e suas representações simbólicas, tendo escolhido para isso como elementos de trabalho alguns contos de fadas nas versões originais dos Irmãos Grimm, adequados aos participantes e que pudessem traduzir qualidade literária. Todas as atividades foram projetadas a partir dos contos e relacionadas de alguma maneira com elementos da história. Procurámos ainda que estas atividades tivessem uma dimensão lúdica e educativa, capazes de conduzir os alunos a uma atividade reflexiva e interpretativa.

Considerando a problemática do projeto de investigação, delineamos como pergunta de partida: ***“Como devem ser utilizados os contos dos Irmãos Grimm para a identificação dos valores do bem e do mal?”***.

Tendo em conta o âmbito do projeto e a pergunta de partida, os objetivos a que nos propusemos atingir são os seguintes:

- Atestar o contributo dos contos de fadas para a identificação do bem e do mal por parte das crianças;
- Apresentar a hora do conto e a educação para os valores como espaço importante para a contribuição na formação social e pessoal da criança no Jardim de Infância;
- Promover a Literatura para a Infância, em particular os contos de fadas, em contexto de Jardim de Infância;
- Contribuir para os estudos acerca da Literatura para a Infância e a sua articulação com a educação para os valores.

Para atingir os objetivos mencionados, desenvolvemos atividades nas quais um grupo de crianças do Jardim de Infância foram questionadas sobre problemas morais e solicitadas a posicionar-se, a refletir e a argumentar sobre as consequências de cada escolha assumidas pelas personagens dos contos, bem como por elas próprias, sobre alternativas possíveis para que assim evidenciassem a sua perspetiva e avaliação moral sobre o bem e do mal.

Assim sendo, com este projeto de investigação pretendemos abrir uma porta a um universo onde a criança procurará as respostas às suas perguntas

e dúvidas, quando questionando-se sobre as ações morais daquilo que é correto ou não fazer. Procuramos assim, numa perspetiva futura, através da literatura para a infância, auxiliar as crianças a construir a sua personalidade, o seu carácter, a desmistificar os seus medos e os seus receios mais profundos e, essencialmente, contribuir para que sejam capazes de identificar e distinguir os valores do bem e do mal, impulsionando-os a saber fazer o bem e evitar fazer o mal.

O presente trabalho de investigação encontra-se dividido em quatro partes: enquadramento teórico; metodologia usada e intervenção realizada; contexto de intervenção; e recolha e tratamento de dados.

Na primeira parte, procedemos ao enquadramento teórico da investigação, que corresponde à apresentação da discussão teórica, com intenção de encetar uma breve discussão sobre questões relacionadas com a literatura para a infância, especificamente os contos de fadas e as suas possibilidades pedagógicas, sobretudo na construção de valores. Recorremos com esse objetivo a uma significativa literatura sobre o tema, onde estão incluídos estudos realizados por autores de grande importância, como: Bettelheim (2013), Coelho (2012), Cavalcanti (2005) e Traça (1992).

Na segunda parte apresentamos o contexto de intervenção, referenciando os destinatários e a intuição participantes deste projeto. Participaram neste projeto crianças de 4 e 5 anos do Jardim de Infância da Junqueira - Vila do Conde.

Na terceira parte, apresentamos os pontos de intervenção, na qual se incluem a metodologia, neste caso qualitativa, os instrumentos de recolha de dados, contexto investigado e caracterização da amostra. Optámos pela investigação qualitativa a partir de instrumentos como a observação direta e participante e a filmagens das sessões de intervenção, com preenchimento de escalas de observação.

Depois do contexto de intervenção, apresentamos na quarta parte o tratamento e recolha de dados, onde abordamos mais especificamente, os instrumentos, o procedimento, os resultados obtidos das sessões de observação e a discussão e conclusões dos mesmos.

Nas considerações finais, relacionamos a pergunta de partida e os objetivos propostos com os resultados obtidos através das sessões implementadas. Apresentamos também a avaliação de todo o projeto, fazendo uma análise detalhada do percurso e das opções tomadas na investigação e dos aspetos enriquecedores do projeto. Por fim, fazemos uma análise das possibilidades de disseminação do projeto e trabalho futuro.

Entendendo termos esclarecido sobre a lógica de desenvolvimento do nosso trabalho, passamos à informar sobre a designação do projeto.

DESIGNAÇÃO DO PROJETO

Este projeto intitula-se “*Os Contos de Fadas e a Dimensão dos Valores – o bem e o mal e suas representações simbólicas*” e tem como principal objetivo investigar como a literatura para a infância, em particular os contos de fadas, podem ser utilizados na identificação dos valores, nomeadamente do bem e do mal e as suas representações simbólicas.

O título do trabalho remete-nos para alguns aspetos essenciais do projeto, uma vez que está focalizado na importância da literatura para a infância e dos contos de fadas na identificação de valores.

O bem e o mal, representados nos contos de fadas por príncipes, fadas, lobos, madrastas e bruxas, surpreendem as crianças e adultos desde sempre. Supõe-se que uma das principais características dos contos de fadas se constitui na sua dimensão simbólica, de carácter lúdico, pois estes apresentam temas complexos de forma direta e de forte apelo afetivo, introduzindo elementos da fantasia e do maravilhoso, além de propor fortes conteúdos simbólicos. Estes transmitem ainda valores e costumes que ajudam a preparar a própria vida através de situações conflituantes e fantásticas.

Os contos de fadas apresentam aspetos cristalizados que são reconduzidos aos valores de arquétipo com muita frequência. Estes contos são interpretados de forma distinta mediante a sociedade e as experiências sociais apesar de que, o valor primordial permanece sempre como valor de origem, pois:

“Nos nossos tempos, tais mitos e arquétipos continuam a engendrar a verdadeira literatura, por intermédio de novas linguagens simbólicas. Os tempos mudam, mas a condição humana continua a mesma.” (Coelho, 2012, p.90).

Deste modo, e tendo em conta a experiência da investigadora como professora de música deste grupo de participantes, consideramos pertinente desenvolver um projeto que contribua para se saber como devem ser utilizados os contos de fadas na identificação de valores neste determinado contexto, com o objetivo das crianças envolvidas conseguirem alcançar a expansão de si mesmas. Portanto, o que pretendemos é que a partir dos contos de fadas se

possam processar mudanças significativas que apontem para valores associados à simbologia do bem e do mal. Imaginamos que as experiências vividas pelas personagens auxiliam no crescimento cognitivo, assim como ajudam a estruturar a personalidade das crianças.

Passaremos, de seguida, à revisão da literatura, apresentando o ponto de vista alguns autores fundamentais para a nossa reflexão, visto que estes fundamentam amplamente as questões relacionadas aos contos de fadas.

1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 – A Literatura para a Infância e a Sala de Aula do Pré-Escolar

“Os contos, abriam e têm aberto portas surpreendentes a mundos interiores, a mundos imaginários. Desde o início devemos familiarizar as crianças com os livros e que melhor forma que os “prazerosos, com a leitura ou narração de contos de acordo com o seu nível de maturidade e interesses. [...] Ler ou contar histórias às crianças é um ato de amor.” (Diaz 2009, cit. Cavalcanti, 2014, p.24-25).

Assim que nos sentamos perante um grupo de crianças, e começamos com o “Era uma vez...”, rapidamente o silêncio presenteia-nos com olhares brilhantes e ouvido bem apurados. Entre príncipes, princesas, rainhas, anões, bruxas, lobos ou madrastas, viajamos do nosso mundo real e entramos num mundo onde tudo é possível. Neste mundo mágico não aprendemos através do conhecimento teórico, intelectual, mas sim, através de um saber que nos ensina a lutar contra forças poderosíssimas, superar os nossos medos, buscar o conhecimento dos nossos limites, enfrentar situações inesperadas, perseverar pela recompensa, enfim viver as mais variadas vidas.

“O fato é que cada vez mais se leva em consideração que as crianças precisam ter acesso aos textos de boa qualidade e se sintam instigadas à leitura, visto terem aí uma excelente oportunidade para viverem a intersubjetividade necessária para seu pleno crescimento. Espaço que serve ao exercício simbólico, lúdico, dinâmico e fantástico, aonde a palavra irrompe com toda a força da sua pluridimensionalidade.” (Cavalcanti, 2005, p.19).

A convivência com a leitura, sobretudo do texto literário, é um dos princípios básicos quando desejamos formar crianças leitoras, assim o hábito de ler deverá começar desde logo, nos primeiros anos de vida e antes mesmo da entrada da criança na escola.

O contato precoce com a literatura mostra-se essencial para criar nos pequenos leitores o deslumbramento pelo imaginário e produzir algumas noções centrais para o entendimento do mundo e pela descoberta de nós

próprios e dos outros. Quanto mais rico e diversificado for esse contato inicial, maiores serão as possibilidades de formarmos leitores para o resto da vida. Tal como aponta Bettelheim,

“Para que uma história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade. Mas, para enriquecer a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções [...]”. (2013, p.11-12)

A criança de hoje sente-se cada vez menos estimulada para a leitura, devido aos apelos das novas tecnologias. Esta realidade torna-nos conscientes da urgência de proporcionar à criança momentos de leitura.

Nunca será demais realçar o papel desempenhado pela literatura para a infância no gosto pela leitura desde a primeira infância: a familiaridade com os textos literários possibilita às crianças não apenas entenderem o mundo, mas deixarem-se cativar pelas histórias e pelas personagens que habitam esse mundo.

A literatura para a infância lida com a vida. Na sala de aula, o educador estabelece uma relação dialógica com as crianças, contando ou lendo histórias, cria condições para que elas lidem com a história a partir dos seus pontos de vista e assumindo posições em relação às personagens e à sua própria vivência.

Assim sendo, acreditamos que a função do contador de histórias é, segundo Cavalcanti (2005), encantar quem ouve e, sem que os ouvintes tomem consciência de tal, transmitir-lhes valores, trabalhar a imaginação e conduzi-los para um mundo maravilhoso.

É nesta realidade lúdica e de prazer que a criança experimenta com a literatura que, também, se forma o leitor. No contato com histórias, a criança adquire novas experiências e recursos necessários ao desenvolvimento da sua personalidade.

Acreditamos que, durante a hora do conto, a técnica mais eficiente é o amor e a criatividade, aliados à preocupação com os objetivos do trabalho, com a heterogeneidade do público e com a mensagem a ser transmitida. Sendo assim, consideramos que os contos de fadas se constituem como espaço, por

excelência, para que as crianças vivam as várias dimensões da sua humanidade.

Para melhor contextualizar a importância do conto de fadas, acreditamos ser fundamental compreender a sua origem. A seguir apresentamos alguma reflexão sobre os contos de fadas e o seu, possível, percurso histórico.

1.2 – O Conto de Fadas e a sua Contextualização Histórica

“Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades.” (Coelho, 2012, p.27).

Há muito tempo, surgiram os mitos, ritos e contos de fadas. Desde então, o conto de fadas prolonga-se no tempo e no espaço e constitui tema de diversas investigações que têm ocupado folcloristas, etnólogos, sociólogos, linguistas e psicanalistas. Os contos de tradição oral, que eram parte das histórias e do folclore de vários povos, foram a base para os contos de fadas como hoje os conhecemos, tornando-os universais.

De acordo com o psicanalista Bruno Bettelheim (2012), os contos de fadas auxiliam as crianças a encontrarem o sentido para a vida norteando-as pelos caminhos do imaginário e do fantástico. Estas narrativas permitem a identificação com as dificuldades ou conquistas dos seus heróis, proporcionam a relação do real com o imaginário e permitem uma viagem extraordinária ao mundo maravilhoso.

O valor do conto de fadas decorre da função que estes podem exercer relativamente à criança. Os contos de fadas conduzem os conflitos interiores das crianças, assim como, as suas possíveis soluções, podendo-os levar ao reconhecimento e superação dos seus dilemas.

Oberg (2006) diz-nos que os homens pré-históricos reuniam-se em volta de fogueiras com o intuito de ouvir as histórias dos caçadores. Refere também, que os índios dedicavam uma parte do dia para ouvir os contos da tribo e assim, tentavam garantir que sua cultura e tradição não se perdia. Oberg relata

ainda que, nos castelos medievais, o rei e sua corte reuniam-se em saraus para escutarem relatos de forasteiros e viajantes de outras terras. Por fim, a autora afirma que “*até os dias de hoje, as histórias são contadas, inventadas e lidas para saciar a fome das pessoas por fantasia e por narrativas*” (Idem, 2006 p.9).

“Embora o tempo e o lugar originais de um conto de fadas nunca possam ser realmente determinados, às vezes sabemos quem é o narrador de uma fábula antiga numa determinada variação, e outras vezes é possível identificar quem formava o círculo de ouvintes em determinado tempo e lugar.” (Warner, 1999, p.41).

Antropólogos e folcloristas têm revelado um grande interesse na procura da origem dos contos de fadas. O facto de o mesmo conto surgir em diferentes partes do mundo, entre as quais sem qualquer possibilidade de contacto anterior à sua descoberta, levou Vladimir Propp a investigar a origem do conto maravilhoso. As suas investigações orienta-nos a situar nos mitos, a origem dos contos.

Segundo Coelho (2010, p.75), “ *[...] foi na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o Rei Sol, que se manifestou abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens [...]* ” e que os contos de fadas são propriamente tidos como literatura infantil.

A história dos contos de fadas inicia-se com Charles Perrault (1628-1703) podendo ser considerado como o primeiro a publicar uma coletânea de contos infantis, em 1697 na França com o título de “*Contes de Ma Mère l’Oye*”, em português “*Contos da Mãe Gansa*”. Foi através da publicação de Perrault que esses contos disseminaram-se pela França e por outros países, fazendo com que conquistassem espaço junto à sociedade, cujas famílias liam-nos para suas crianças, tornando-os alicerces de uma nova corrente literária. (Idem, 2010).

Através dos estudos de linguística e folclore realizado pelos irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, na Alemanha no final do século XVIII e início do século XIX, os contos de fadas retornam e foram

definitivamente estabelecidos e expandidos pela Europa e Américas. (Idem, 2010).

Todo material folclórico reunido pelos Irmãos Grimm foram publicados em 1819 sobre o título “*Kinder-und Hausmärchen*” em português “*Contos de Fadas para Crianças e Adultos*”.

“Entre a imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas que, selecionadas de entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.” (Coelho, 2012 p. 29).

Foi o sucesso dos contos coletados pelos Irmãos Grimm que abriu caminho para o gênero da literatura infantil como conhecemos hoje. Segundo Coelho (2010, p. 149) “*Buscando encontrar as origens da realidade histórica nacional, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico [...] e uma grande Literatura Infantil surge para encantar crianças do mundo todo*”.

Mais tarde no século XIX a literatura infantil clássica teria seu acervo completo com os contos de fadas do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), que é considerado por muitos como o primeiro autor “romântico” a escrever histórias destinadas às crianças.

“ [...] todas as narrativas recolhidas e adaptadas pelos Irmãos Grimm pertenciam à variada tradição oral, na qual eles a foram descobrir. Já com Andersen não aconteceu o mesmo. Duas foram as fontes de que ele se utilizou: a da literatura popular conservada pela tradição oral ou em manuscritos, e a da vida real que se oferecia aos seus olhos. Seus inúmeros contos mostram que ele “inventou” muito mais do que seus antecessores.” (Idem, 2010, p.151).

Os contos de fadas tiveram como público as crianças, tornando-se mais moralizadores, visto que a sua apropriação pela escola deu-se exatamente porque os contos ajudam a regular e ensinam, sendo portanto são ótima matéria-prima para a educação de crianças e jovens.

“ [...] o poder pedagógico e moralizante passou para a escola [...]. Talvez aí esteja situado o elo entre o conto e a sua vasta utilização pedagógica [...]. Parecem não existir dúvidas quanto à função pedagógica e organizadora do conto, desde os seus primórdios e a partir de suas inúmeras representações.” (Cavalcanti, 2014, p. 27).

O conto de fadas tem como singularidade o uso da magia e do encantamento, um núcleo problemático existencial onde o herói/heroína busca a sua realização pessoal e a existência de obstáculos a serem enfrentados por esses mesmos heróis (Bettelheim, 2013).

Estas narrativas são facilmente aceitas pelas crianças, os autores como Charles Perrault e os Irmãos Grimm transformaram em textos, contos de fadas, oriundos da literatura oral e popular e, que ainda hoje nos encantam com um mundo de fantasia e ficção.

Uma outra teoria, o difusionismo, defende que os contos foram disseminados através das fronteiras, vindos de origens distantes, muitas vezes do Oriente, como por exemplo da Índia (Warner, 1999).

Recentemente, a psicanálise relaciona o mito com os sonhos e com o conto.

É o suíço Carl Jung, que coloca o Homem no centro da questão, relacionando os sonhos com os arquétipos que existem no “*inconsciente coletivo*” e utiliza esta relação para, a partir dela, interpretar os contos.

“O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal.” (Jung, 2000, p. 53).

Jung entende que os arquétipos são representações simbólicas não acessíveis ao consciente, não são aprendidas e que não têm qualquer relação com a experiência do sujeito, pois a sua única fonte encontra-se no inconsciente coletivo.

“ [...] à diferença da natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de carácter coletivo, não-pessoal, ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de natureza inteiramente pessoal e que - mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal - consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado.” (Idem, 2000, p. 54).

Hoje em dia, percebemos que a atração pelos contos de fadas não se deve unicamente às pesquisas no campo linguístico, mas sim à propensão de descobrir os possíveis enigmas que estão por trás das aparências do real

comum, que procura explicar todos os fenômenos, inclusive aqueles referentes ao comportamento humano. (Warner, 1999).

Tendo apresentado alguns dados sobre a trajetória do conto de fadas, no próximo ponto tratamos de analisar e fundamentar a sua importância.

1.3 – A Importância do Conto de Fadas como Género Literário destinado à Infância

“Era uma vez um famoso físico chamado Albert Einstein, que um dia encontrou uma senhora extremamente desejosa de ver o seu filho triunfar numa carreira científica. A senhora pediu ao sábio que lhe desse conselhos sobre a educação do seu filho, em particular sobre o tipo de livros que lhe deveria ler.

- “Contos de Fadas”, respondeu Einstein sem hesitar.

- “Está bem, mas o que deverei ler-lhe em seguida?”, perguntou a ansiosa mãe.

- “Mais Contos de Fadas”, replicou o grande cientista acenando com o seu cachimbo como um feiticeiro que pronuncia um final feliz para uma longa aventura.” (Traça, 1998, p.23).

A literatura destinada à infância possui um carácter muito específico e especial, pois é um género que se dirige a um público com especificidades próprias, assim faz, quase sempre, faz um apelo à fantasia e ao maravilhoso que são ingredientes imprescindíveis à descoberta que a criança necessita realizar acerca da realidade e do mundo. Escrever o mundo num tempo, muitas vezes indefinido, é uma forma de cativar, seduzir, comunicar e envolver-se com o leitor e, no caso da literatura para a infância esta estratégia é privilegiada porque oferece ao leitor a possibilidade de desenvolver a imaginação e a criatividade.

O conto de fadas, há muito que encanta e desperta interesse no público infantil. Realidade, fantasia e ficção misturam-se nesse fantástico mundo imaginário. É esta mistura de fatos reais e imaginários que despertam no leitor a motivação para ler e reler os contos, seduzindo-o, envolvendo-o e fazendo com que realize pontes entre as suas vivências reais e as dimensões humanas sugeridas pelas personagens. Assim, o conto também promove a reflexão sobre a vida.

Todos nós, em algum momento da nossa infância, vivemos sob os encantos dos contos de fadas e, também, já vimos os nossos alunos deliciarem-se com as mesmas narrativas. Contudo, cada vez mais observamos na nossa sociedade um crescente processo de banalização e deturpação dessas histórias, com tendência a perder-se as suas características originais. Hoje em dia, as crianças contemporâneas, possivelmente, leem menos porque estão mais expostas à diversidade tecnológica, como: televisão, cinema, computadores, internet, jogos eletrónicos...

Segundo Cavalcanti, (2005) o conto de fadas possui múltiplas dimensões e funciona a partir de uma matriz que se pode considerar poliédrica, esta contém elementos do imaginário coletivo e construiu-se através de arquétipos universais que giram em torno do bem e do mal, fazendo assim um apelo direto ao imaginário da criança. Sendo uma das formas mais antigas de narrar, o conto contém elementos muito relacionados à aprendizagem do sentido para a vida e por isso “educam” a viver os sentimentos, bem como os valores. Além disso, o conto tem uma natureza maniqueísta e trabalha com os arquétipos de bem e mal. Sendo esta uma das razões da escolha deste tipo de texto literário para este projeto de mestrado.

Uma viagem pela literatura do conto de fadas é, sem dúvida, uma jornada por um universo fantástico, pois está dotada de magia e encantamento. Em proveito da (re)construção de uma sociedade orientada por valores e do desenvolvimento dos alunos para a aquisição e o gosto pela leitura, aliados ao conhecimento do espólio dos contos de fada (desenvolvendo as potencialidades por eles geradas) que, a nosso entender, torna-se importante e urgente promover estratégias e processos capazes de atingir esses fins.

A importância na educação deste tipo de texto literário é irrefutável, é, também, no encontro com estas narrativas que a criança, além de desenvolver a sua capacidade imaginativa, tem a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer a sua própria existência de vida.

Procurámos demonstrar que a abordagem de questões e problemas inerentes ao ser humano, como aqueles que estão relacionados à dimensão dos valores, especialmente do bem e do mal, tornam-se importantes no

desenvolvimento da criança, pois são um meio para que esta adquira e questione valores fundamentais na formação da sua personalidade.

Segundo Bruno Bettelheim (2013), o conto de fadas tem um efeito terapêutico, pois a criança encontra uma solução para as suas incertezas através da contemplação do que a história parece implicar acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento da sua vida. O conto de fadas não informa sobre as questões do mundo exterior, mas sim sobre processos internos que ocorrem no cerne do sentimento e do pensamento.

O conto de fadas garante à criança que as dificuldades, os perigos, as fatalidades, podem ser vencidas por todos os que pretendem vencer na vida. E, a criança, que é desprotegida por natureza, sente que também ela pode ser capaz de superar os seus medos, angústias e desconhecimentos. Portanto, poderá aceitar com otimismo as deceções e desilusões que vai encontrando, pois sabe que, tal como acontece nos contos, os esforços por vencer darão a recompensa desejada.

“É exatamente esta a mensagem que os contos de fadas trazem à criança, por múltiplas formas: que a luta contra graves dificuldades na vida é inevitável, faz parte intrínseca da existência humana – mas que se o homem não se furtar a ela, e com coragem e determinação enfrentar dificuldades, muitas vezes inesperadas e injustas, acabará por dominar todos os obstáculos e sair vitorioso.” (Bettelheim, 2013, p.16).

No seu íntimo, a criança sabe que estas histórias maravilhosas são irreais, mas não as aceita como falsas, no mundo real e adverso, ela intuitivamente “divide” tudo em bom e mau, para conseguir encontrar o seu equilíbrio.

“As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como na realidade o somos. Mas uma vez que a polarização domina o espírito da criança, ela domina também os contos de fadas. Uma pessoa é boa ou má, sem meios-termos. Um irmão é estúpido, outro inteligente. Uma irmã é vitoriosa e trabalhadora, a outra vil e preguiçosa. Uma é bela, as outras feias. Um dos pais é todo bondade, o outro maldade.” (Idem, p. 18).

O conto de fadas simplifica todas estas situações. As personagens são definidas com clareza e as particularidades são anuladas.

A descoberta do mundo provoca na criança um vasto leque de interrogações e provoca dilemas existenciais.

“A tradição oral proporciona, numa forma poética e estilizada, elementos de resposta a questões sobre a causa das coisas, a origem de certos comportamentos, fornece receitas para crescer.” (Traça, 1998, p.86).

Os adultos que lidam com as crianças, nem sempre conseguem fornecer respostas satisfatórias, por vezes remetem ao silêncio, incompreensão e indiferença que pouco favorecem a uma relação mais profunda e com a consequência da frustração das crianças.

É essencial para quem conta a história ver-se envolvido em todo este processo, não escapando ao encantamento e à descoberta de cada instante, de cada silêncio, de cada efeito das suas palavras e de cada expressão provocada nele mesmo e na criança que o ouve.

Sendo os contos de fadas narrativas muito utilizadas na educação das crianças, quer seja para diverti-las quer seja para educá-las, estas têm assumido um papel fundamental nos estudos contemporâneos acerca das histórias e da sua função recuperadora e pedagógica. Assim, compreendemos ser pertinente que, no ponto a seguir, seja feita uma breve abordagem sobre a pedagogia dos contos de fadas.

1.4 – A Pedagogia do Conto de Fadas

“É ao livro à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens.” (Coelho, 2000, p. 15)

Desde os primórdios da humanidade que contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e de valores humanos. Esta atividade tão simples, mas tão fundamental, pode tornar-se uma prática ou representar um momento de excepcional valor na educação das crianças.

Os contos de fadas são importantes, pois demonstram como os valores sociais são influenciados pela literatura e vice-versa e, conseqüentemente

estabelecem um fator crucial na educação de uma criança. Todos eles relatam conflitos e transmitem mensagens essenciais para a formação da criança.

“Ao mesmo tempo que distrai a criança, o conto de fadas elucida-a sobre si própria e promove o desenvolvimento da sua personalidade. Tem tantas significações, em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança por tantas maneiras, que livro algum é capaz de igualar a qualidade e diversidade de contributos que estes contos trazem para a criança.” (Bettelheim, 2013, p.22).

Estes textos literários podem exercer um papel fulcral na formação da personalidade da criança, pois ela não só se identifica com as personagens, como também aprende que é possível vencer os obstáculos e no final, saírem vitoriosas, como os heróis da história.

Como este projeto está relacionado com o conto de fadas, priorizamos esta narrativa, pois:

“O conto de fadas simplifica todas as situações. As personagens são definidas com clareza; e os pormenores, a não ser que sejam muito importantes, são eliminados. Todos os caracteres são mais típicos do que invulgares.” (Idem, p.17).

Em contexto pedagógico, o professor/ educador deverá apresentar às crianças o conto de fadas e permitir que estas manifestem as suas opiniões e preferências sem nunca as julgar ou questionar negativamente. Deverá estar atento à preferência ou rejeição das crianças por determinada história.

“Se a criança não mostra entusiasmo pela história, isso significa que os motivos e temas não evocaram nela uma resposta significativa nesta altura da vida. [...] Depressa indicará que determinada história se tornou importante para ela, pela sua resposta imediata à mesma, ou por pedir que lhe contem mais e mais vezes.” (Idem, p.31).

Enquanto mediador da leitura, o professor/educador não deverá interferir nas descobertas e nas experiências das crianças e, principalmente, não deverá interferir nas atribuições de significados, nunca impondo uma moral ou um sentido único para a história, a investigadora Marina Warner, completa esse pensamento ao dizer que *“os narradores dos contos de fadas sabem que um conto, para cativar, deve levar os ouvintes ao prazer, ao riso ou às lágrimas”* pois, *“se falharem, ninguém mais irá querer ouvir suas histórias”*. (1999, p.449)

O papel do professor/ educador é proporcionar o contato com a leitura, o envolvimento e a vontade de ler e ouvir histórias somente e simplesmente pelo prazer. Formar um leitor que lê por prazer e não por obrigação. É possível que o conto de fadas seja um dos primeiros caminhos a ser percorrido para que, a criança possa ampliar a sua existência, articulando as vivências originadas pelos contos e o seu efeito de significado e futuramente, quando for capaz de compreender os contos na sua dimensão de diálogo com a realidade, ou seja, com os valores que emergem dentro da família, da escola e da vida possa articula-los com as suas experiências e escolhas.

Para que a curiosidade seja provocada e a imaginação estimulada, é preciso que se elaborem atividades relacionadas com as histórias que são contadas. O objetivo é que a criança seja capaz de refletir e reagir, sobre o que foi lido/ escutado, fazendo com que conversem com mais facilidade sobre o assunto, revelando o seu estado emocional e intelectual.

Desta forma, fazendo uma ligação entre a razão e a emoção, de maneira sutil e agradável, é possível transmitir valores éticos e emocionais para as crianças, transformando-os em adultos seguros das suas opiniões e atitudes.

O uso da linguagem simbólica nas histórias é também uma característica muito importante, pois através dela, somos capazes de explicar às crianças o porquê de certas situações com mais facilidade, pois a força do símbolo é sempre maior do que o discurso científico porque apela para dimensões que extrapolam a realidade imediata. Conforme Joana Cavalcanti (2005), o símbolo atua diretamente sobre o inconsciente e produz efeito de sentido, construindo assim novos significados para a vida. Ao contactar com as metáforas contidas no conto de fadas a criança tem acesso indireto aos conteúdos do seu inconsciente e pode experimentá-los, sublimá-los através do outro que é a personagem. Como se pode verificar, os contos de fadas são narrativas tão complexas que poderíamos analisá-los por diversos ângulos, tais como o sociológico, histórico, antropológico, pedagógico e psicanalítico. Para nós, o pedagógico e o psicanalítico assumem uma real importância, embora tenhamos plena consciência de que a articulação entre os contos de fadas e a psicanálise demanda muitos estudos e aprofundamento e, também, pelo facto

de que a análise psicocrítica do texto literário não seja nosso objetivo, ainda assim, entendemos como oportuno apresentar no próximo ponto alguma reflexão sobre o assunto.

1.5 – O Conto de Fadas e Psicanálise

“A literatura e a psicanálise estão unidas por um fio condutor único que é a palavra, portanto existe aqui o interesse de focalizá-lo do ponto de vista da sua função simbólica, daquilo que está na sua origem, porém impossível de apreensão total, mas que por outro lado remete a um significante essencial e que faz parte da natureza do símbolo.” (Cavalcanti, 2005, p. 26)

Estas narrativas existem há milhares de anos e são importantes na formação e na aprendizagem da criança pois, escutar histórias contribui de forma significativa para o início da aprendizagem e para que o indivíduo seja um bom ouvinte e um bom leitor, mostra-se como um caminho infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Os contos de fadas são capazes de auxiliar as crianças a superarem certos medos, inseguranças e receios, pois o envolvimento simbólico com a proposta lúdica facilita o entendimento e “possíveis soluções” desses conflitos, propiciando o desenvolvimento psíquico, afetivo e social.

A criança em contato com os contos de fadas, tem a hipótese de idealizar, criar, transportar a sua mente e conhecer-se, descobrindo inconscientemente resoluções para os conflitos que ela vivencia a cada momento. Ela aprende a lidar com suas próprias situações e também adquire o discernimento fundamental para relacionar-se com os outros. Cremos que a tarefa essencial e também a mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar um significado para a vida.

Para a psicanálise, os contos de fadas têm a possibilidade de revelar os conflitos de cada um e a forma como podem ser superados, recuperando a harmonia existencial. Assim, a luta entre o bem e o mal acontece numa terapia, onde se pode analisar de forma direta a personalidade e também trabalhar com sentimentos inconscientes do ser humano, revelando a sua verdadeira personalidade. De acordo com Bettelheim (2013), no contexto terapêutico

pode-se verificar muitas vezes a projeção que as crianças fazem entre os seus próprios sentimentos e as representações simbólicas do bem e do mal nos contos de fadas, assumindo, por vezes, o papel da bruxa ou de um outro antagonista, e outras se compadecendo com o sofrimento do herói, ainda em sofrimento e busca.

O quadro mental inicial de uma criança é puramente maniqueísta e resume-se ao que é bom e ao que é mau. É nesta fase que se deve apelar aos conceitos de bem e mal, fazendo com que a criança possa experimentar sentimentos ambivalentes e de recuperação. É aqui que se radicam os valores de base que a criança mais tarde desenvolverá.

Valores como o bem e o mal são fundamentais na formação de todas as pessoas. Aprendidos na infância, eles orientam a educação, os sentimentos e acabam sendo pilares fundamentais em várias situações ao longo da vida.

Constatamos que o discurso inconsciente nos contos de fada permite que o conteúdo arquetípico, existentes neles, ajude as crianças a encontrarem o caminho para a realização dos seus poderes criativos latentes e que nunca percam a esperança. Sendo assim, os contos de fada afirmam à criança que também elas, às vezes, podem vencer o “mau”.

Sendo assim, subjetiva ou objetivamente, através dos contos de fadas a criança começa a descobrir que a vida lhe irá apresentar algumas dificuldades, as quais podem ser superadas desde que haja uma atitude coerente, sensata e tranquila.

Resumindo, a importância dos contos de fadas é transmitir mensagens de vitórias, do bem sobre o mal, ressaltando e firmando as crenças que produzem um efeito decisivo no funcionamento do ser humano, trazendo esperança de vitória na superação das dificuldades. Certos autores acreditam que se por alguma razão a criança for incapaz de imaginar o seu futuro de forma otimista, ocorrerá um bloqueio no seu desenvolvimento, podendo fazer com que ela não acredite que é capaz de alcançar os seus objetivos ou ver o lado positivo das coisas. Incentivar a leitura e a pedagogia dos contos de fadas, não é somente formar leitores, mas preparar pequenos leitores para uma vida emocionalmente saudável.

Como já foi referido anteriormente, os contos de fadas funcionam a partir de uma matriz simbólica, a compreensão dos seus símbolos torna-se fundamental no processo de interpretação dos mesmos. O símbolo não pode ser interpretado isoladamente, mas a partir das conexões entre os elementos e imagens do texto. A floresta que aparece num determinado conto pode extrapolar o seu sentido geral e recorrente ao se conectar com outros símbolos, embora mantenha o seu conteúdo original.

Para melhor compreendermos esta questão, passaremos ao ponto no qual tratamos das representações simbólicas nos contos de fadas.

1.5.1 – As Representações Simbólicas no Conto de Fadas

“Era uma vez” – assim começam geralmente para nós a maioria dos contos de fada, e então eles nos levam de volta a tempo distante e desde muito passado, no qual acontecem coisas extraordinárias – impossíveis para o pensamento racional – e aí existem monstros, bruxas, fadas e mágicos ou animais falantes.” (Dieckman, 1986, p.14)

Há muito tempo que os contos de fadas estão presentes no imaginário do homem e desempenham um papel único na sociedade. Estas histórias sobrevivem ao longo dos tempos, pois, contêm símbolos universais que provêm do inconsciente coletivo.

Os arquétipos são as formas sem conteúdo próprio que servem para organizar ou encaminhar o material psicológico. Ou seja, são “formas” sem conteúdos prévios. As imagens dos arquétipos podem variar em pormenores de povo para povo, de pessoa para pessoa, no entanto, não perdem a sua configuração original.

“Limitando-nos à esfera da literatura, podemos definir arquétipos como representações das grandes forças ou impulsos da alma humana: o instinto de sobrevivência, o medo, o ódio, o ciúme, os desejos, o sentimento do dever, a ânsia da imortalidade, a vontade de domínio, a coragem ou o heroísmo, o narcisismo, a covardia, a inveja, o egoísmo, a luxúria, a fé (...), o respeito ou temor ao Pai (...), a rivalidade entre irmãos... Tais arquétipos, no âmbito da literatura ou da mitologia clássica, têm sido representados por figuras ou

personagens arquetípicas, isto é, representações dessas paixões ou “gigantes da alma” que se amalgamam no inconsciente coletivo (...).” (Coelho, 2012, p.89).

Os contos de fadas estão carregados de símbolos, representações de acontecimentos psíquicos e encenam os dramas da alma, comuns a todos os homens. Estas narrativas têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comum à psique de todos os humanos. Pertencem, portanto, ao mundo arquetípico, visto que é suposto que estes contos originem-se de relatos míticos que se perderam no tempo, incorporando outras formas, mas nunca perdendo o seu sentido primordial.

Os arquétipos estão nos contos de fadas, mas não são reconhecidos e entendidos conscientemente, nem racionalmente. Isto porque não fazem parte do mundo da razão e sim do inconsciente da humanidade.

De acordo com Jung (2000), o inconsciente expressa-se primeiramente através de símbolos. O símbolo representa a situação psíquica do indivíduo numa dada circunstância. O símbolo pode ser algo familiar, da vida diária. Uma palavra ou imagem é simbólica quando envolve alguma coisa além do seu significado óbvio e imediato.

Uma das principais características dos contos de fadas reside na sua linguagem tão carregada de símbolos e metáforas, criando um sentido poético para as expressões. Oferece-nos palavras polissêmicas, carregadas de múltiplos sentidos, simultâneos e distintos, permitindo a criação de um mundo paralelo, análogo ao nosso, mas mais belo ou terrível do que o real.

A linguagem simbólica transporta-nos para o seu interior pela força do seu sentido, do seu apelo emotivo e afetivo, sem nos persuadir ou convencer com argumentos e provas.

As bruxas e os gigantes são feios, desdentados, transfigurados, fazendo com que as crianças sintam repulsão só pela descrição, as fadas e princesas são bonitas, meigas, educadas fazendo com que sejam amadas. Os protagonistas são perseguidos e atormentados, mas no final sempre vencem os obstáculos e perigos e vivem felizes para sempre, tal como refere Cavalcanti (2005).

São as representações simbólicas que permitem à criança extrair significados pessoais que transcendem o conteúdo óbvio e propicia-lhes vivenciar o mundo subjetivamente.

Os contos de fadas podem ser interpretados de modo diferente para cada pessoa e diferente para a mesma pessoa, em momentos diferentes da vida. Eles falam diretamente à alma do ser humano, provocam raiva, insegurança, dor, orgulho, força, coragem, motivação, pois, nós somos a personagem principal e são as nossas imagens internas que estão refletidas nas imagens do conto, com a nossa carga emocional.

A psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos de fadas estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo do seu amadurecimento emocional. É durante essa fase que surge a necessidade da criança em defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos.

As imagens e figuras arquetípicas que estão presentes nos contos fornecem-nos material simbólico que permite-nos trabalhar em todos os estágios da vida, lidando com muitos arquétipos.

Logo, os contos de fadas apresentam histórias de heróis que vivem situações terríveis criadas por seres maldosos, mas felizmente contam com seres mágicos para os auxiliarem a ultrapassar as dificuldades. Os conflitos são provocados por uma intensão maldosa contra uma pessoa de bem e só se resolve com o encantamento. O herói sofre a perseguição do mal, o que faz aumentar o conflito até ao final, quando a virtude triunfa, o ser maldoso é impiedosamente castigado. Logo, termina tudo com final feliz.

A questão central, em torno da qual giram os contos de fadas, é no que se refere às suas dimensões simbólicas: o herói como personificação do “bem” e o vilão como personificação do “mal”. O herói é sempre aquele que salva a vítima, supera os perigos, vence todos os obstáculos e é sempre vencedor. O vilão, ao contrário, é sempre aquele que faz as maldades, carrega consigo estereótipos e características de “mau” e “feio”. É aquele que transgride as regras e recebe uma punição por esse ato. O papel de vilão é muitas vezes representado pelas bruxas, madrastas ou lobos.

Os contos de fadas têm sempre um final feliz, geralmente o herói e a vítima terminam juntos e o vilão é punido por toda a sua maldade.

Como já foi referido, os contos de fadas são representações de acontecimentos da nossa psique. Trazem-nos conteúdos simbólicos pertencentes nas camadas mais profundas do inconsciente, do inconsciente coletivo – que são comuns a todos os seres humanos. Os seus elementos pertencem ao mundo dos arquétipos. Não relatam verdades objetivas, mas sim subjetivas, pois são narrados na linguagem dos símbolos e que mesmo assim, tanto nos encantam.

A cada história podemos traçar novos caminhos, novas articulações e novos significantes de acordo com as necessidades.

Quanto às representações simbólicas, os autores psicanalistas apresentam uma variedade de interpretações, onde estão implícitos vários conteúdos.

Listamos agora, algumas representações simbólicas presentes nos contos trabalhados neste projeto, abordagem realizada depois de várias leituras neste âmbito.

O Capuchinho Vermelho

O Capuchinho Vermelho é uma obra literária que apresenta traços míticos porque narra acontecimentos com a presença de seres e eventos imaginários, pois, devido à sua origem folclórica, a narrativa supõe que o lobo fale, que a menina converse com ele e que ele até coma a avó.

“O Capuchinho Vermelho, em forma simbólica, projeta a criança nos perigos dos seus conflitos edipianos durante a puberdade e depois salva-a deles, de forma que ela possa amadurecer livre de conflitos.” (Bettelheim, 2013, p.264)

O capuz vermelho que a menina possui foi oferecido por sua avó sendo um sinal de identificação muito forte: o vermelho é símbolo de amor e como acrescenta Bettelheim (Idem, p. 266) *“é a cor que simboliza emoções violentas em que se incluem enormemente as emoções sexuais”*.

Depois de tantos conselhos e previsões negativas da mãe, a menina parte para casa da avó. Porém, a mãe esquece-se de avisar a filha do verdadeiro perigo que a espreitava: o lobo.

A floresta tem uma função bastante significativa. Sendo local de habitação de bandidos, lugar do bestial ou da transgressão, é a personificação do desconhecido, local onde habitam os perigos.

O lobo levou a menina a transgredir as leis restritas e rígidas impostas pela sua mãe. Ele é o mais forte e como tal come a avozinha.

O lobo “*representa também todas as tendências associativas e animais que existem dentro de nós*”. (Idem, p.265)

Outra particularidade interessante é o facto de a Capuchinho Vermelho ser salva por uma figura masculina.

O desfecho da história surge quando a barriga do lobo é ocupada com pedras. O ato do caçador, ao abrir a barriga do lobo, não aparece como um ato violento para as crianças, mas sim como um propósito positivo e libertador para os desobedientes.

Subsiste uma certa brutalidade no conto, já que a morte sofrida pelo lobo é extremamente violenta.

Contudo, pode-se dizer que é um final “feliz”, no sentido que a personagem que realiza as más ações recebe a sua punição final. É dada uma segunda oportunidade à Capuchinho Vermelho para não voltar a errar.

O Capuchinho Vermelho representa uma parte de cada um de nós, a caminho de fazer descobertas magníficas, mas que caminha de forma pouco enriquecedora, devido a uma forma de pensar condicionante e abstrata.

O conto traz-nos a chave para nos auxiliar a libertar-nos dos nossos próprios obstáculos. Convida-nos a deixar-nos seduzir pelo lobo. Este lobo representa as situações inesperadas da vida, que são estranhas ao nosso universo conhecido, situações assustadoras, que nos despertam e nos convidam a percorrer caminhos que correspondem a capacidades nossas que se encontram inibidas. Este percurso só é justificado se existir um caçador que intercete por nós e que nos salve de sermos engolidos.

A Branca de Neve

Em Branca de Neve deparamo-nos com uma narrativa de estrutura simples, cingindo-se em torno de um só núcleo dramático: o problema de Branca de Neve com a Madrasta. Todos os outros acontecimentos dependem desse enredo principal. Desta maneira, torna-se muito fácil a assimilação da história por parte das crianças.

A Branca de Neve nada mais é do que o nosso aspeto puro, ingénuo e isento de malícia ou interesses.

A madrasta ou bruxa representa o nosso lado sombrio, negro, oculto, essa força inconsciente, a madrasta também representa a vaidade e a competição a qualquer preço.

A figura de Branca de Neve luta pela sua sobrevivência sem desanimar, enquanto a Madrasta pelo seu ideal de beleza absoluta, contrapondo-se.

A ambivalência no feminino está bem presente nesta narrativa. O confronto é protagonizado por duas figuras femininas, a que origina o bem e a que provoca o mal.

O elemento mágico presente neste conto é, sem dúvida, o espelho, autor das revelações que desencadeiam os fatos. É a nossa consciência, que reflete o que somos, os nossos pensamentos e desejos. É a consciência, na medida em que o tempo passa o corpo físico se degrada, esse confronto é inevitável.

A violência é subtil, o caçador não mata Branca de Neve, abandona-a na floresta e a madrasta, apesar da sua inveja em relação à Branca de Neve, não a mata de forma sangrenta ou dolorosa, apelando para o envenenamento.

Os sete anões representam seres maravilhosos que envolvem-se no destino da protagonista, ajudando-a. São mineiros, trabalham no subsolo, portanto são agentes do inconsciente, das forças desconhecidas que trabalham incansavelmente em prol da sobrevivência.

A maçã representa as nossas tentações, aquilo que nos identificamos e que com isso perdemos a consciência, a conexão com a vida pois, a Branca de Neve desmaia e só desperta para vida quando o pedacinho de maçã envenenada que trancara se soltou da garganta.

O príncipe que salva a Branca de Neve, significa a energia masculina, a energia positiva, a ação, representa a busca do ser humano em encontrar a perfeição, o seu outro lado, o que nos completa.

Resumindo, o conto da Branca de Neve relata a história de uma menina que sai de casa, perde-se na floresta, encontra sete anões, passa por enormes obstáculos até encontrar um príncipe com quem se casa, nada mais é do que resolver-se tardiamente.

Hänsel e Gretel

O conto Hänsel e Gretel representa os obstáculos que a pobreza acarreta a algumas famílias. Retrata o abandono, a fome e a astúcia das crianças para se salvarem. Temos presente um pai afetuoso e preocupado com os filhos e a tão tradicional madrasta má.

No início do conto, os dois irmãos são abandonados na floresta por representarem um peso para os pais. Esta floresta é a personificação do sombrio, perigo e desconhecido.

Entretanto, encontram uma bruxa, que vive numa casa de doces, apresentada de acordo com o seu estereótipo mais tradicional: uma velha feia, que primeiro assusta as crianças, fingindo ser inofensiva para ganhar a sua confiança e poder realizar o seu objetivo. Depois de ganhar a confiança das crianças, revela-se e enfatiza o seu verdadeiro ser maquiavélico.

Sob o domínio da bruxa, a menina é posta a trabalhar de maneira extenuante, apesar da sua tenra idade e o menino é colocado num “período de engorda” vivendo um fase de descanso.

As aves presentes neste conto têm uma grande relevância, pois são elas que levam as crianças a empreender a aventura que as conduz a casa da bruxa e apesar de todas as severidades que passam, é lá que são recompensadas com riquezas nunca idealizadas. Apesar de as aves impedirem que as crianças sejam capazes de retornar a casa, elas guiam-nas para que combatam e vençam a provação (bruxa) que as levará à vitória (riqueza).

No final, as crianças com a ajuda de um pato atravessam o rio e regressam a casa e são aceites com alegria e felicidade pelo seu pai que se revela como um homem angustiado e protetor da família.

Este rio “*simboliza uma transição e um novo começo a um nível superior da existência (como no batismo)*” (Bettelheim, 2013, p.252)

A Guardadora de Gansos

A Guardadora de Gansos destaca o tema da usurpação da heroína por uma impostora, tema recorrente na vida de qualquer criança em vários momentos da vida, que, por vezes, sente-se silenciada.

É um conto maravilhoso porque representa situações que transcendem a realidade, apresentando factos mágicos e encantados: o cavalo Fálada, o lenço da mãe com três gotas de sangue, o vento que atende os pedidos da princesa e o fogão que ouve a sua confissão.

A universalidade do texto está presente no espaço, pois, não é definido e o tempo remete a um passado longínquo e não cronológico.

O conto narra os obstáculos que encontramos na nossa vida: como adquirir maturidade sexual, conseguir emancipação e autorrealização, sendo que, a princesa só passou por tantos dilemas pelo modo imaturo com que agiu diante dos problemas e obstáculos, não conseguindo afirmar-se na sua função de princesa e de noiva.

No conto consta a representação de dois animais: o cavalo e o ganso. O cavalo é o símbolo do psiquismo inconsciente ou do não humano, arquétipo próximo ao da mãe, memória do mundo, símbolo da juventude, da força, da sexualidade e da virilidade. (Chevalier & Gheerbrant, 1994).

Já o ganso é o mensageiro do mundo espiritual, símbolo do amor, fertilidade, fidelidade conjugal e da vigilância. (Idem, 1994).

Interessante é o final, o usurpador pronuncia a sua própria sentença transmitindo que as más intenções criam a própria destruição da pessoa malvada. Isto transmite a mensagem de que devemos praticar o bem, pois às pessoas más são destinadas a uma punição severa.

O casamento simboliza a vitória do herói sobre a maldade, representando também uma volta à segurança da situação inicial.

Irmãozinho e Irmãzinha

Irmãozinho e Irmãzinha relata a história de dois irmãos que se entregam às lutas humanas, quando se veem sem a figura que simboliza a proteção: a mãe. Estão sozinhos e abandonados tomando a decisão de rompimento com o presente, buscando um novo lugar no mundo: a floresta.

Primeiramente, o Irmãozinho segura a mão da Irmãzinha e assume o papel principal. Seguem para a floresta, lugar fundamental para a narrativa que complementar o sentido do enredo que se desenvolverá.

A madrasta, bruxa má, viu os irmãos a saírem, seguiu-os e enfeitiçou todas as fontes da floresta.

Com sede, fome e cansaço, percebem que a floresta está enfeitiçada pela madrasta. Nesta perspectiva, a água como fonte de proteção é transformada em perigo com o murmúrio da madrasta.

A viagem dos irmãos pela floresta, pelos rios, dá-nos a ideia do transitório e da renovação.

À terceira tentativa para beber água, o Irmãozinho decide beber ignorando o perigo e nesta fase, o conto ganha um novo conflito com três posições: a do Irmãozinho, que está com sede; a da Irmãzinha, que quer que ele resista à sede, e da madrasta, que quer que ambos sejam enfeitiçados.

A Irmãzinha transforma-se numa jovem responsável, enquanto o irmãozinho permanece uma “criança” sob a forma de um veado.

É um conto maravilhoso porque apresenta situações que ultrapassam a realidade, apresentando factos mágicos: as crianças falam com as águas das fontes, a criança transforma-se em veado e o veado fala com a menina.

A Mãe Holle

Uma viúva tinha duas filhas: uma era bela e trabalhadora, a outra era feia e preguiçosa. A viúva prefere a segunda, que é a sua própria filha, e deixa que a enteada se ocupe de todo o trabalho da casa.

O mundo da Mãe Holle simboliza um lugar de encantos difíceis de exprimir, desconhecidos, cujos atributos exigem e esperam a libertação, para que se possam manifestar. A vista maravilhosa deste mundo só nos é transmitida quando saltamos para dentro do poço.

A primeira irmã respondeu a este chamamento e a mesma proposta foi feita à segunda irmã. Só que esta entra naquele lugar maravilhoso sem se desfazer das suas referências triviais. Cobiçando o ouro e pensando única e exclusivamente em si.

O castigo da segunda irmã é rígido e realça o que está em jogo quando encontramos o universo da Mãe Holle.

Este conto evoca-nos para os perigos que o mundo da riqueza acarreta. Quanto mais temos, mais queremos e por isso, temos de manter um espírito de abertura e de atenção a fim de conseguirmos aceder a esse mundo de abundância com discernimento e proveito.

Podemos encontrar nos contos de fadas, “ocultadas” em personagens ou na narrativa, as instâncias psíquicas, a questão simbiótica da relação mãe-criança, a vivências de questões edípicas, a ambiguidade das figuras materna e paterna, a mãe boa e a mãe má, o pai omissos, a preguiça, a irresponsabilidade, entre outras.

Portanto, em cada história, podemos traçar novos caminhos, novas articulações e novos significados de acordo com as nossas necessidades pois, através da conduta das personagens é possível desenvolver os valores necessários à formação de um indivíduo e estimular a criança ao questionamento e reflexão. Por todas as questões aqui expostas, consideramos que a apropriação dos contos de fadas pela educação, quando bem realizada, é valiosa e necessária. Para além disso, é possível afirmar que estas narrativas aparentemente simples e inocentes traduzem aspetos da

natureza e conduta humana bastantes complexos, no que se inclui a dimensão dos valores. Sendo assim, dedicamos o ponto a seguir à reflexão sobre o bem e o mal como valores de base e de onde surgem outros valores necessários à boa convivência humana, bem como o seu desenvolvimento saudável.

1.6 – A Dimensão dos Valores no Conto de Fadas: o Bem e o Mal

Passar valores às crianças é algo extremamente complexo. Esta missão implica normalmente conceitos que fazem apelos a abstrações, sendo a capacidade de abstrair é muito difícil de ser conseguida, em níveis elevados, por crianças em tenra idade, nas etapas mais precoces do seu desenvolvimento. As histórias são por isso, um meio simplificador de resolver algumas dessas questões. Num mundo onde as dualidades construídas estão a ser questionadas, a dicotomia entre bem e mal e a sua compreensão são determinadas pela sociedade.

Quantas vezes, a braços com a explicação de algo mais complexo, socorremo-nos de uma história para que esta simplifique a tarefa e facilite a compreensão por parte da criança daquilo que realmente lhe tencionamos transmitir.

De cada história, cada criança retirará aquilo que lhe fizer mais sentido, em função das suas vivências e das suas características desenvolvimentais.

Nas histórias, tal como na vida real, por vezes também há situações desconcertantes e ainda bem que as histórias contemplam estas situações. São então, uma ótima oportunidade para a criança organizar-se e aprender a lidar com os medos, os obstáculos e as frustrações com que se irá confrontar ao longo da vida. É importante que o crescimento se faça, ainda que a nível do imaginário e simbólico assente em valores.

De acordo com Bettelheim (2013, p.13), os contos de fadas podem transmitir importantes mensagens à mente e guardá-las no consciente, pré-consciente e no inconsciente. Estas histórias estimulam o imaginário das

crianças e faz com que elas se revejam no mundo do conto de fadas, pois estes abordam os problemas que as atormentam na realidade.

Nos contos, o mal toma formas variadas e vem sempre carregado de poderes para que o bem tenha uma certa dificuldade em vencê-lo.

O mesmo autor cita que *“O conto de fadas, pelo contrário, confronta a criança sem rodeios com as exigências básicas do homem.”* ou seja, a psique humana está cheia de informações que refletem atitudes boas e más.

“ [...] a Literatura para a Infância possui uma axiologia que permite às crianças a construção de conhecimentos acerca do mundo, bem como a interiorização de regras e princípios básicos do funcionamento da vida coletiva, mas principalmente proporciona uma experiência ética e estética que transcende o individual.” (Cavalcanti, 2010, p.9).

A literatura surgiu com a função de educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem e o mal. Nos contos de fadas, o mal toma diversas formas e assume um poder para que o bem tenha alguma dificuldade em vencê-lo.

Todos os contos de fadas tratam de conflitos humanos e trazem mensagens essenciais ao desenvolvimento da criança. Em todos eles encontramos narrativas sobre sucessos e fracassos. Quando a criança ouve essas experiências, ela familiariza-se com tramas que envolvem perseverança e coragem, passa a compreender a dicotomia entre o bem e o mal e é estimulada a superar as dificuldades.

As histórias permitem que se estabeleçam estratégias de clarificação de valores. As crianças crescem e aprendem através da experiência e é nessa experiência que podem encontrar orientações para o seu comportamento. Estas orientações, que tendem a organizar a vida, podem ser chamadas de “valores”. As atividades educacionais que se proporcionam às crianças devem dirigir-se, centrar-se e organizar-se à volta do processo de valoração.

Se tivermos a noção do que representam o bem e o mal, podemos escolher, através desses conceitos, as nossas atitudes e ações, determinando o que é certo ou errado; bom ou mau; justo ou injusto; positivo ou negativo, digno ou indigno, puro ou impuro, leal ou desleal, além de tornar os nossos

atos ou ações consequências da maneira como concebemos o que é bem e mal.

Contrariamente ao que acontece nos contos modernos para crianças, tanto a maldade como a virtude encontram-se omnipresentes nos contos de fadas tradicionais. Em praticamente todos eles, o bem e o mal aparecem sob a forma de personagens e ações, pois o bem e o mal são omnipresentes na vida de cada um de nós. Aliás, a propensão para ambos encontra-se em cada ser. É esta dualidade que coloca um problema moral e que exige uma luta para resolver.

Nestas narrativas, a realidade é dicotómica, mas caminha inevitavelmente para a imposição do bem sobre o mal, instaurando uma ordem que deve ser inalterável.

Nos contos de fadas, assim como na vida, o castigo é apenas uma dissuasão limitada para que não se faça o mal. A convicção de que o fazer mal não compensa é um alerta muito persuasivo, é por isso que nos contos de fadas os maus perdem sempre. Não é o facto de o bem ganhar no final que promove a moralidade, mas sim o facto de que a criança identifica-se com o herói em todas as suas lutas. Por causa desta identificação, a criança imagina que vive também todas as provações do herói e acaba triunfando com ele quando o bem vence sobre o mal.

Segundo Bettelheim (2013), para que uma história possa, verdadeiramente, prender a criança é importante que esta, para além de a distrair e despertar a sua curiosidade, enriqueça a vida da criança, isto é, estimulando a sua imaginação, abraçando o seu intelecto e clarificando as suas emoções.

As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes como as pessoas da vida real o são. Uma personagem é boa ou má, sem meio-termo. Estas personagens permitem à criança entender facilmente a diferença entre o bem e o mal, algo que ela não conseguiria fazer facilmente se estes protagonistas fossem desenhados mais próximos da realidade, com todas as complexidades que caracterizam o ser humano.

A passagem da história à clarificação de valores é muito natural; as crianças distinguem rapidamente entre comportamentos adequados e inadequados, no âmbito da história, e chegam, em algumas ocasiões, a comparar os comportamentos das personagens das histórias com situações vividas por elas próprias no jardim-de-infância.

Acreditamos contudo, que para existir transmissão de valores correta, o educador tem de ter cuidado para não emitir a sua opinião ou algum juízo de valor, pois não interessa induzir às crianças num sentido moral se, ainda, para elas não se é possível compreender que o bem está associado aos valores positivos da vida, que confirmam a boa convivência de uns com os outros. Sendo assim, não basta influenciar a criança nas suas atitudes, mas conduzi-la no sentido de compreender racionalmente e afetivamente que deve conter os seus impulsos de destruição, estes relacionados ao mal. Assim, quando se conta histórias é de evitar dar o seu ponto de vista, pois a criança não possui os mesmos julgamentos de valor que o adulto. É importante que as histórias selecionadas proporcionem à criança a consciência dos seus próprios valores e dos valores dos outros, muitas vezes distintos dos seus, mas que a partir desta compreensão possa crescer a partir de ideais positivos que trabalham em favor da vida, do amor e da gratificação, tal como nos contos de fadas quando o herói vence ao salvar alguém ou a superar um obstáculo, salvando o outro ele salva-se.

Conforme Cavalcanti (2005), os contos transitam entre a dor e o amor, estes são sentimentos de base que se associam aos valores positivos e salvaguardam a conduta humana no sentido da preservação da vida e da superação dos conflitos psíquicos e sociais. O bem deve vencer o mal porque representa simbolicamente as forças positivas da alma, enquanto o mal deve ser domado para que não se constitua numa ameaça à vida pessoal e coletiva. É natural que as crianças muito pequenas apresentem comportamentos ambíguos e sigam os seus impulsos mais agressivos, no entanto o confronto com o facto de que aquele comportamento pode impedi-la de obter o melhor é fundamental para que possa construir um conjunto de valores positivos para a

sua vida, pois tal como nos contos de fadas o final feliz é conseguido pelos que trabalham em prol da justiça, do bem para si e para os outros.

Tendo focalizado, ainda que sumariamente, aspetos teóricos que conduziram os nossos estudos seguiremos para a segunda parte da nossa investigação, na qual abordaremos o contexto de intervenção, a metodologia de investigação, os instrumentos de recolha de dados, os resultados e conclusões, os recursos necessários, a avaliação e a disseminação.

2 – CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

2.1 – A instituição

O presente projeto foi implementado no Jardim-de-Infância da Junqueira que encontra-se agregado à E.B. 1 da Junqueira com a denominação de E.B.1/J.I. da Junqueira. A instituição situa-se no distrito do Porto, concelho de Vila do Conde, freguesia de S. Simão da Junqueira.

S. Simão da Junqueira é uma freguesia do concelho de Vila do Conde, distrito do Porto em termos civis, uma vez que em termos eclesiásticos pertence à Arquidiocese de Braga. Tem como oragos S. Simão e S. Judas Tadeu.

Esta freguesia tem 7,25 Km² de área e 2234 habitantes (2001), possuindo uma densidade 308,1 habitante por km².

Do seu património realça-se o Mosteiro de S. Simão da Junqueira, séc. 11; a Igreja Paroquial da Junqueira, séc. XVII; a Capela de Nossa Senhora da Graça, séc. XVIII ou XIX; Mamoas do Fulão; Truta de Chantada e a Estalagem das Pulgas.

Esta localidade fica num território banhado pelas águas do rio Ave e rio Este e é atravessada pela estrada 306, que liga vários lugares, desde a cidade da Maia até à cidade de Vila do Conde.

Existe um grande aglomerado de habitações de boa qualidade, Jardim de Infância, escolas do Ensino Básico, E.B.1 e E.B.2/3, onde está inserida a sede do Agrupamento. Existem ainda algumas lojas de comércio: cafés, mercearias, talho, farmácia, vestuário, mas a maioria das famílias preferem dirigir-se às grandes superfícies comerciais que ficam situadas em Vila do Conde.

O desenvolvimento desta localidade assenta essencialmente na agricultura e na indústria, nomeadamente na serração de madeiras, confeções, metalurgia e construção.

As instalações do Jardim de Infância de Lamelas – Junqueira funcionam em dois edifícios pré-fabricados, razoavelmente conservados, onde já funcionou o 1º ciclo do ensino básico. Estes comportam duas salas, cada uma interligada por um espaço exterior coberto.

Todas as salas têm dois sanitários incorporados, não possuindo qualquer espaço para banho. Na sala três funcionam as atividades da Componente de Apoio à Família, servindo também de sala de isolamento durante o horário letivo. A quarta sala serve de refeitório e cozinha. Todas as salas têm duas portas de acesso ao exterior e possuem luz direta.

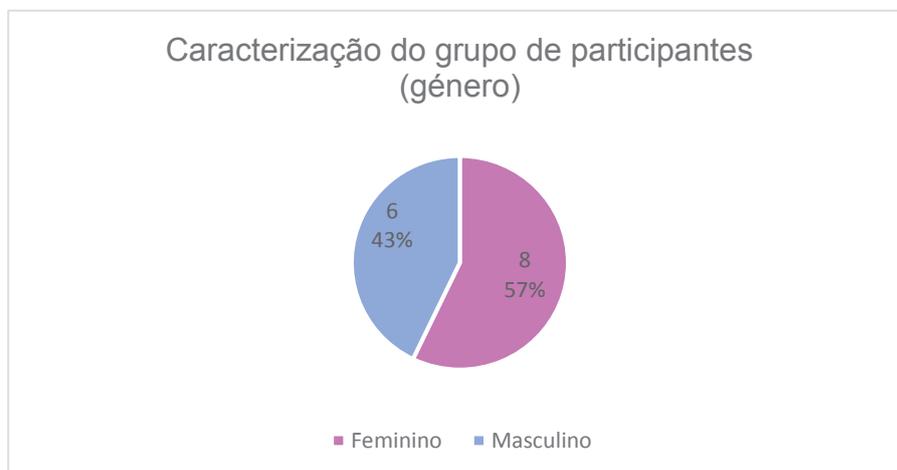
A zona coberta com pavimento em cimento serve de hall de entrada para as salas e também espaço de recreio quando chove. É também nesse espaço que se realizam algumas das atividades artísticas. A zona exterior, também revestida a cimento, é bastante espaçosa, possuindo ligação à rua através de um portão. Neste espaço existe uma pequena zona revestida a cortiça onde se encontra um parque infantil constituído por um escorregão e duas estruturas sobe e desce. Contamos ainda com uma horta que serve os aspetos pedagógicos. Existem por todo o espaço árvores que proporcionam uma sombra magnífica, assim como diversos arbustos e flores que são cuidadosamente tratadas pelas crianças. Todo o espaço envolvente está vedado com uma rede e um canteiro a toda a volta com uma sebe.

Relativamente à faixa etária dos pais das crianças, a maior parte dos pais situa-se entre os 25 e os 40 anos e exercem diversas profissões sociais, destacando-se o setor da indústria e por conta de outrem. Salienta-se ainda a situação das famílias, estas encontram-se num contexto económico médio a médio-baixo.

2.2 – Os participantes

Os destinatários, deste projeto foram um grupo de 14 crianças com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos. Deste grupo, fazem parte: 8 (oito) elementos do sexo feminino e 6 (seis) elementos do sexo

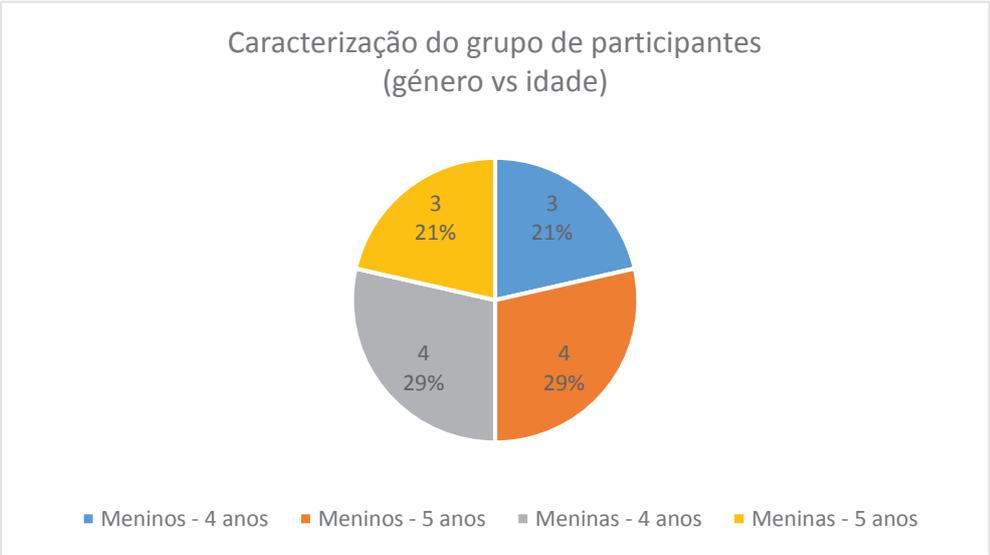
masculino, entre os quais 7 (sete) com 4 (quatro) anos e 7 (sete) com 5 (cinco) anos do Jardim-de-Infância das Lamelas/Junqueira, pertencente ao Agrupamento de Escola Dr. Carlos Pinto Ferreira, Vila do Conde.



O grupo divide-se da seguinte forma, relativamente ao género: 8 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino.



Relativamente às idades em outubro de 2014: 7 crianças têm 4 anos e outras 7 têm 5 anos.



Cruzando a informação anterior, verificamos que a maioria das crianças são do sexo feminino e situam-se na faixa etária dos 4 e 5 anos igualmente.

3 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

3.1 – Paradigma de Investigação

Com este projeto, pretendemos criar, desenvolver e apresentar estratégias/atividades promotoras da educação para os valores através dos contos originais dos Irmãos Grimm. Assim sendo, a preocupação prendeu-se com a exploração e compreensão da importância e de como devem ser utilizados os contos de fadas para a identificação dos valores - o bem e o mal - com a finalidade de as crianças conseguirem reconhecer o bem e o mal nos atos e personagens das histórias.

Durante todo o projeto o investigador assumiu-se como parte integrante do processo, acompanhando o grupo, observando, interagindo e refletindo de forma a avaliar a informação e o decorrer de todo o procedimento.

Por método de pesquisa entende-se a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de problemáticas. O nosso projeto baseia-se na investigação qualitativa pois, esta, ao inverso da investigação quantitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. De acordo com Creswell “ [...] é uma pesquisa interpretativa, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes.” (2007, p. 188). O objetivo da investigação qualitativa é entender determinada situação e neste projeto pretendemos perceber como devem ser utilizados os contos de fadas para a identificação de valores por parte das crianças, através destas narrativas.

Bogdan e Taylor (1986) mencionam que nos métodos qualitativos o investigador deve estar totalmente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação fundamenta-se particularmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes. Na mesma linha de pensamento, os autores supracitados dizem que a investigação qualitativa, por permitir a subjetividade do

investigador na procura do conhecimento, implica que exista uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados na investigação.

O facto de haver uma grande proximidade na relação entre o pesquisador e os participantes no estudo pode ser considerado como uma vantagem, pois existe um maior e variado conhecimento mútuo entre os intervenientes, além de o pesquisador não ser considerado um elemento perturbador ou desconhecido no ambiente. Estamos pois em concordância com Bogdan e Biklen (1994) quando afirmam que a investigação pode tirar partido da relação de proximidade presente entre o investigador e o interveniente do estudo, visto que nos foi possível comprovar tais ideias a partir da experiência vivida. Conhecer as crianças e estarmos próximos foi fundamental para a obtenção dos nossos resultados.

Durante toda a intervenção, o investigador assume-se como participante no processo, como agente interativo e dinamizador do seu projeto.

Explicitaremos agora algumas das características da investigação qualitativa e que estão presentes no nosso trabalho:

- É contextual e holística;
- É orientada caso a caso;
- É empírica e orientada para o trabalho de campo;
- Implica um envolvimento prolongado no trabalho de campo;
- É descritiva;
- É interpretativa;
- O investigador é o instrumento-chave;
- O investigador preocupa-se com o processo mais do que com os resultados;
- Há uma sobreposição de recolha e análise de dados;
- A análise de dados é indutiva;
- As observações e interpretações são validadas;
- (...)

Todos os dados foram triangulados com os registos de observação e com as referências bibliográficas consultadas.

Em suma, o presente projeto insere-se numa investigação de cariz qualitativo uma vez que decorreu no ambiente natural da escola, é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar teorias ou verificar hipóteses.

3.2 – Observação Direta e Participante

Os nossos dados foram coletados por meio de observação direta e participada das sessões e estas foram registadas por meio audiovisual pois, como refere Creswell estas são:

“Observações, nas quais o pesquisador toma notas de campo sobre comportamentos e atividades das pessoas no local de pesquisa. [...] O observador qualitativo também pode se envolver em papéis que variam de não-participante até integralmente participante. [...] Uma categoria final de dados qualitativos consiste de material de áudio e visual [...]”. (2007, p.190)

Bogdan e Biklen (1994) referem que a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos. Esta afirmação, aliada às características dos participantes deste projeto contribuiu fortemente para que optássemos pelo registo de notas de campo, baseadas fundamentalmente na observação das crianças e nos seus comentários e comportamentos.

A observação é uma técnica de recolha de dados, que não consiste apenas em ver e ouvir, mas em examinar factos ou fenómenos que se desejam estudar. Consideremos que deve ser sistematicamente planejada, registada e obviamente ligada ao contexto de levantamento que seja realizado.

Neste projeto, a observação foi usada de maneira sistemática na recolha de dados pois desejamos uma descrição exata de situações e a verificação de hipóteses sobre as causas de problemas.

O melhor momento para tomar notas de campo é durante o desenrolar dos acontecimentos. Desta forma teremos menos problemas em lembrar-nos do que foi observado e evitaremos erros que podem ocorrer pela influência de

outros fatores sobre a nossa percepção. No entanto, há situações em que é impossível fazer isso, pois atrapalharia a naturalidade da situação ou despertaria a desconfiança das crianças.

Sendo impossível registrar todos os pormenores exclusivamente com a observação, recorreremos a filmagens pois estas captam sons e imagens o que reduzem muitos aspetos que podem interferir na fidedignidade da coleta dos dados observados. O uso do vídeo permite um certo grau de exatidão na coleta de informações, uma comprovação frente aos tradicionais questionamentos da subjetividade da pesquisa qualitativa, pois ele permite ver quantas vezes forem necessárias, o que não acontece somente com a observação em tempo real. Ao examinar e interpretar os dados repetidas vezes o investigador descobre novas interrogações e novos caminhos a serem trilhados.

4 – TRATAMENTO E RECOLHA DE DADOS

4.1 – Instrumentos

4.1.1 – Filmagens

Discutimos agora as vantagens e desvantagens da coleta de dados sob a forma de filmagens.

Como materiais audiovisuais, servimo-nos das filmagens de vídeos e de gravações áudio. Este instrumento dá a oportunidade ao investigador de obter a linguagem e diálogos dos participantes, pode ser consultada posteriormente às sessões para visualização/ audição e futura interpretação dos dados e é uma vantagem pois, podem ser observadas informações que o pesquisador no momento da sessão não prestou atenção. A maior desvantagem será que o pesquisador não economiza tempo e despesas com a transcrição das filmagens e não controla a reação das crianças perante a câmara de filmar.

4.1.2 – Escala de Observação Direta

Em observação direta o investigador tem o privilégio de ter a experiência em primeira mão com os seus participantes. As informações são registadas à medida que são reveladas e poderão ser anotados aspetos não-usuais durante a observação.

A escala observação direta visa examinar as sessões através da observação direta e participante de modo a nos orientar. O resultado desta observação é registado em trabalho de campo e posteriormente verificado e, se necessário, adicionado novos apontamentos.

O registo dos comportamentos, atitudes e emoções, assim como as interações em grande grupo das crianças nos momentos das sessões foi baseado numa escala de observação direta intitulada “escala de observação direta de comportamentos, atitudes e emoções das crianças”.

Esta escala de observação direta foi realizada de base, propositadamente para este projeto e para este grupo de crianças, neste determinado contexto.

Este instrumento de recolha de dados comporta duas categorias: comportamentos, atitudes e emoções e interações em grande grupo.

Cada categoria tem determinados indicadores que nos ajudaram a compreender o nível de envolvimento da criança com o conto, a relação que estabelecem com as personagens, a identificação do bem e do mal ..., estes indicadores são avaliados numa escala de “sim”, “não” e “algumas vezes”. Existe também um espaço para “observações” que permitiu ao observador documentar as situações e interações observadas e, ainda, registar situações dignas de serem mencionadas.

Neste campo, a atuação do investigador no decorrer das sessões baseou-se na observação dos participantes e no registo das atitudes, reações por eles manifestadas durante a realização das tarefas, bem como momentos relevantes ao longo das atividades pós-leitura.

Além das escalas de observação direta foram também coletados registos áudio e visual das sessões, para avaliar com eficácia as sessões para posterior revisão e nova aplicação.

“Durante o processo de pesquisa, o investigador qualitativo pode coletar documentos [...]. Uma categoria final de dados qualitativos consiste de material de áudio e visual. Esses dados podem ter a forma de fotografias, objetos de arte, fitas de vídeo ou qualquer forma de som.” (Creswell 2007, p. 190)

As observações e o preenchimento da escala de observação direta contribuíram muito para a compreensão das ações (quase sempre espontâneas) levadas a cabo pelas crianças durante a realização das tarefas.

4.2 – Procedimento

A recolha de dados neste projeto foi exclusivamente feita pelo investigador, em trabalho de campo e em trabalho pessoal de visualização e análise dos instrumentos recolhidos, baseando-se fundamentalmente: (1) nas

observações diretas em sala de aula registadas na escala de observação direta de comportamentos, atitudes e emoções das crianças; (2) nos diálogos antes, durante e depois da leitura dos contos e (3) na visualização dos instrumentos audiovisuais.

As etapas deste trabalho constituem as seguintes fases: planificação, ação, observação e reflexão/ avaliação da ação e posteriormente, revisão do plano inicial, ação, observação e reflexão/ avaliação da ação. Este conjunto de procedimentos em movimento circular visou melhorar as práticas tendo em conta alcançar melhorias de resultados.

4.2.1 – Sessões de Intervenção

Na sequência da pesquisa bibliográfica sobre a temática, estruturamos 6 (seis) sessões que promovessem o contato com os contos de fadas e, conseqüentemente, a reflexão acerca dos valores e representações simbólicas implícitas neste tipo de narrativa.

As sessões com os participantes foram realizadas de quinze em quinze dias com o objetivo de dar tempo à criança para refletir, criar empatia ou não com as personagens e interiorizar a mensagem a partir dos objetivos delineados para cada sessão.

Foram planificadas sessões de aproximadamente 120 minutos (pistas de trabalho, exploração da obra e atividades) período de tempo flexível que é gerido consoante o objetivo a que nos propusemos (como utilizar o texto literário para identificar os valores do bem e do mal).

Todas as sessões foram realizadas em horário letivo. Inicialmente, foi estabelecido um diálogo com as crianças como iria funcionar as sessões e o que se pretendia. O tempo das sessões sujeitaram-se à motivação e interesse demonstrado pelo grupo e à atividade a realizar.

Antes de cada sessão foi realizada uma reunião com as educadoras onde explicita-se a postura que se pretende que tenham neste contexto, os objetivos e planeamento de cada sessão. As educadoras estiveram presentes nas sessões, mas como observadoras.

Estes guiões foram apreciadas e analisadas, antes de serem aplicadas, por profissionais da área e várias educadoras. Após a sua reformulação, foram colocadas em prática as atividades. Por fim, foi pedido às educadoras o seu parecer sobre a atividade.

A escolha dos Irmãos Grimm deveu-se ao fato de serem escritores clássicos e por terem contribuído com importantíssimos contos de fadas, recuperando a tradição popular e oral e materializando essas histórias, que foram passadas de geração em geração e continuam a estar presentes nos tempos atuais.

Os contos foram selecionados a partir de uma pesquisa bibliográfica, mediante os interesses e características do grupo de participantes, assim como a preferência e sensibilidade do investigador, pois acreditamos que o mediador da animação da leitura com objetivos destinados à educação para os valores deve identificar-se com o texto e nesse sentido, escolhemos seis contos de fadas, para melhor análise e aprofundamento do assunto com os quais nos identificávamos. São estes: o conto do “*Capuchinho Vermelho*”; “*Branca de Neve*”; “*Hänsel e Grete*”; “*A Guardadora de Gansos*”; “*Irmãozinho e Irmãzinha*” e “*A Mãe Holle*”. Todos estes fazem parte de uma coletânea portuguesa de contos originalmente escritos pelos Grimm.

A abordagem a cada conto de fadas foi feita em três fases: (1) pré-leitura; (2) durante a leitura e (3) pós-leitura, correspondendo, a cada uma destas fases, um conjunto de objetivos diferenciados.

Na fase de pré-leitura pretendeu-se mobilizar o conhecimento prévio do grupo, através da ativação do conhecimento já adquirido da criança, da partilha de saberes e experiências, e ainda motivar as crianças para a leitura.

Durante a fase da leitura pretendeu-se fundamentalmente desenvolver estratégias de compreensão, sobretudo inferencial, organizar e categorizar informação: tempo, espaços, personagens, ações, atitudes e sobretudo os valores implícitos nos contos.

Na fase de pós-leitura o que se procurou foi uma resposta pessoal ao texto e uma ampliação de saberes promovidos pelo mesmo: o desenvolvimento do espírito crítico, a exploração da intertextualidade, a identificação com

personagens da história, a avaliação dos comportamentos das personagens da história, o estabelecimento de relação entre o bem e o mal e o relacionamento dos factos da história com a vida real.

As atividades de leitura foram vivenciadas num espaço acolhedor e sensível motivando às crianças para a identificação de valores, pensamentos, reflexões e emoções.

Estas sessões de leitura centralizaram-se na essência do texto literário, não o instrumentalizam ao serviço de conteúdos gramaticais ou de outros. Pretendemos envolver a criança ativamente nos contos de fadas e motiva-las para novas leituras.

A organização detalhada das sessões levou à existência de guiões bem estruturadas e detalhadas para que não houvesse desvios em relação ao conto abordado e ao objetivo pretendido, sem com isto, excluirmos a natural flexibilidade que tem de existir quando se está a trabalhar com crianças.

Em cada momento de leitura com o grupo considerou-se particular atenção aos seguintes aspetos: tempo de duração da sessão; conteúdo do conto; interação com participantes; objetos/ adereços “palpáveis”; efeito-surpresa; tom de voz; linguagem clara e compreensível; personagens - fantoches; olhar, movimento corporal e presença do contador, enquanto pessoa e não enquanto personagem da história, entre outros.

Para cada conto foi utilizada uma estratégia de animação de leitura, existindo adereços e objetos que permitiram transmitir o que se pretende transmitir, bem como facilitar uma maior concentração e melhor dinâmica no ato de narrar o conto.

Posteriormente à leitura do conto, realizou-se um diálogo com o grupo para avaliar se a criança identificava claramente o valor do bem e do mal no conto narrado e, também, avaliar quais os aspetos presentes no texto que fazem com que a criança reconheça esses mesmos valores.

No final de cada leitura foi realizada uma atividade alusiva ao conto e à finalidade do nosso projeto para a identificação dos valores do bem e do mal. Foram propostas atividades, fundamentalmente, das áreas de expressão, que

serviram como intermediárias e facilitadoras da representação dos seus sentimentos em relação ao bem e ao mal.

Neste momento, as crianças foram capazes de exprimir e partilhar as suas opiniões, assim como a produzir uma reflexão do que foi vivido ao longo da leitura da história e a possibilidade da passagem para o pensamento.

As atividades desenvolvidas foram lúdicas e formativas. Decorreram com normalidade, dentro do planificado e produziram dinâmicas bastantes interessantes. Acreditamos que estimularam a atividade interpretativa e reflexiva.

Em anexo, apresentamos os guiões das sessões (cf. Anexo 2, 5, 8, 11, 14 e 17) e os materiais de apoio e registos da sessão. (cf. Anexo 3, 4, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 18 e 19).

Sessão 1 – O Capuchinho Vermelho

Iniciamos a atividade de pré-leitura mostrando às crianças o livro que seria lido. Aguardamos que as crianças observassem o livro e comentassem.

De seguida, procuramos estimular as crianças a inferirem sobre o conto, ativando o seu conhecimento prévio a partir de uma imagem referente ao mesmo.

“Observando esta imagem, sobre o que falará esta história?” (imagem avulsa relacionada com o conto). (cf. Anexo 3) O que acham que está representado nesta imagem? Quem será esta personagem? O que acontecerá a esta personagem? Qual será o título desta história?”

Depois estabelecemos um diálogo em forma de antecipação ao conteúdo do texto. Mobilizamos conhecimentos prévios e iniciamos uma breve reflexão sobre a temática.

“Conhecem essa história? Querem contar-me a história que vocês conhecem? O que acontece na história que vocês conhecem? Na história que conhecem, quem são as personagens? Existe um lobo? Esse lobo é bom ou mau? Porquê? E a menina, como se chama? Porque é que a menina tem o

nome de Capuchinho Vermelho? Porque acham que é vermelho? Acham que deveria ser de outra cor? Qual? O que vai a Capuchinho fazer à casa da avó? Acham que a menina fez bem em levar os doces à avó? Ela desobedeceu à mãe? Porquê? A mãe fez bem em mandar a Capuchinho levar os doces à avó sozinha? Porque será que a mãe mandou a Capuchinho sozinha? A Capuchinho seguiu outro caminho? Porque será que ela seguiu outro caminho? Como é a voz que te lembra o lobo? O que aconteceu ao lobo? Será justo o que aconteceu ao lobo? Vocês seriam capazes de colocar pedras na barriga do lobo? O que vocês fariam ao lobo? Vocês dariam outro final à história? No vosso final, o que aconteceria a cada personagem?”.

Para a leitura do conto servimo-nos como estratégia de animação da leitura a apresentação de um álbum seriado. (cf. Anexo 3) Durante a leitura, foram utilizadas estratégias de compreensão a partir das questões orientadoras da atividade de pré-leitura.

Na atividade de pós-leitura, foram efetuadas questões com a finalidade de inferir sobre os valores presentes no conto (o bem e o mal).

“Recordam-se do título da história que acabaram de ouvir? A história fala-nos de uma menina que ia visitar a avó. Antes de sair, a mãe fez-lhe algumas recomendações. Quais foram? A menina obedeceu à mãe? Porque será que a menina desobedeceu? O que acham da atitude da Capuchinho Vermelho? Vocês fariam o mesmo? Quem é que o Capuchinho Vermelho encontrou pelo caminho? O que é que o lobo lhe propôs? A Capuchinho Vermelho acreditou no lobo e seguiu outro caminho. Vocês acreditariam nele? E se o lobo aparecesse à vossa frente, iam acreditar nas palavras do lobo? Porquê? O que acham que o lobo vos diria? O lobo acabou por chegar primeiro a casa da avozinha. O que é que ele fez? Será que a menina desconfiou das intenções do lobo? O que acham sobre esta atitude do lobo? Quem é que a socorreu? O que aconteceu ao lobo? Acham justo o que aconteceu ao lobo? Vocês fariam o mesmo? O que vocês fariam ao lobo? Qual a parte da história de que gostaram mais? Vocês dariam outro final à história? O que aconteceria

Iniciou-se então, um diálogo entre todos para que, utilizando os materiais/imagens que lhes foram sendo fornecidos possam construir as suas ideias do conto.

“Então, qual a história que acham que hoje vos vou ler? Conhecem essa história? O que acontece na história que vocês conhecem? Querem contar-me a história que vocês conhecem? Na história que conhecem quem são as personagens? Porque é que a menina tem o nome de Branca de Neve? Como era a rainha da história? Porque será que a rainha não gostava da Branca de Neve? O que a rainha fez à Branca de Neve? E os anões?” “Fizeram bem em acolher a menina em sua casa? O que vocês fariam se encontrassem a Branca de Neve? O que acham do espelho mágico? Porque é que o espelho é mágico? Vocês já viram um espelho mágico? Quando a rainha descobriu que a Branca de Neve estava viva foi a casa dos anões. O que ela fez? Porque acham que ela fez isso? Quem salvou a Branca de Neve? A Branca de Neve mereceu ser salva? Porquê? E o que aconteceu à rainha? Acham justo o que aconteceu à rainha? O que vocês fariam à rainha? Vocês dariam outro final à história? O que aconteceria à rainha, à Branca de Neve e aos anões?”

Durante a leitura recorreremos ao teatro de fantoches para animar o conto.
(cf. Anexo 6)

Na fase da pós-leitura, questionamos as crianças com o objetivo de verificar se compreenderam os valores presentes no texto.

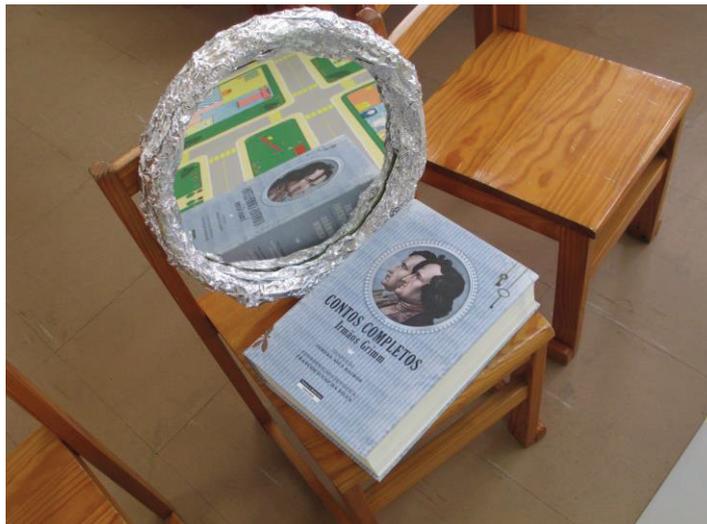
“Recordam-se do título da história que acabaram de ouvir? De que nos fala a história? A nova esposa do pai de Branca de Neve era bela, mas muito má, queria ser sempre a mais bela e era capaz de fazer tudo para conseguir este objetivo. O que acham desta atitude? Conhecem alguém que vos faça lembrar a rainha? Porquê? Gostava de ter um espelho mágico? Porquê? Se tivessem um espelho mágico o que lhes perguntavam? A rainha tinha muita inveja da Branca de Neve. Porquê? Vocês têm inveja de alguém? De quem? Porquê? O que pediu a rainha ao caçador? O que fez o caçador? Acham que ele procedeu bem? Porquê? E se vocês fossem o caçador? Salvavam a

Branca de Neve? A Branca de Neve encontrou a casinha dos anões. Os anões gostaram muito dela e trataram-na bem. Se encontrassem uma menina na vossa caminha como reagiriam? A rainha descobriu a Branca de Neve. A menina abriu a porta à rainha que estava disfarçada de velhinha. Acham que a menina fez bem em desobedecer aos anões? Acham que fez bem em abrir a porta à velhinha? Mas devemos abrir a porta a estranhos? A Branca de Neve abriu três vezes a porta à rainha disfarçada de velhinha. Acham que fez bem em desobedecer três vezes aos anões? O que acham da atitude da rainha ao tentar matar a Branca de Neve? O que aconteceu para que a Branca de Neve acordasse? O que aconteceu à rainha? Acham justo o que lhe aconteceu? Vocês fariam o mesmo? O que vocês fariam à rainha? Qual a parte da história de que gostaram mais? Vocês dariam outro final à história? Qual? O que aconteceria à Branca de Neve e à rainha? Acham que em algum momento vocês agem como a Branca de Neve? E como a rainha?”.

A atividade prática deste conto consistiu em fazer uma reflexão sobre o conto em frente ao espelho. As crianças optaram por fazerem identificações com as personagens: “Sou a Branca de Neve quando...” e “Sou a Bruxa quando...” (trabalho individual)

“Agora vamos fazer uma atividade relacionada com o conto que ouviram. Cada menino e menina vai, se quiser, desabafar ou conversar com o Espelho Mágico que aqui temos. Ele vai ouvir os meninos com muita atenção. Podem dizer o que quiserem... Depois de tudo o que já falamos... sobre o bem e sobre o mal... O que querem dizer ao Espelho? (um a um dirigiu-se ao espelho e transmitiu ao Espelho Mágico o que desejou).”.

Abaixo apresentamos o espelho construído para a realização da atividade, na qual as crianças, através do jogo simbólico, conversavam livremente com o Espelho Mágico:



Sessão 3 - Hänsel e Gretel

Tal como nas sessões anteriores, iniciamos a atividade de pré-leitura com questões sobre o conhecimento prévio do texto.

“Observando esta imagem, sobre o que falará esta história?” (imagem avulsa relacionada com o conto) (cf. Anexo 9) O que acham que está representado nesta imagem? O que acontecerá a esta personagem? Qual acham que será o título desta história?”

Depois de divulgado o nome do conto realizamos questões mais específicas.

“Conhecem essa história? O que acontece na história que vocês conhecem? Na história que conhecem quem são as personagens? O Hänsel e a Gretel foram abandonados na floresta. Porque será que foram abandonados? Existe alguma personagem que representa o bem? Qual? Porque acham que essa personagem representa o bem? Existe alguma personagem que representa o mal? Qual? Porque acham que essa personagem representa o mal?”.

Para a leitura deste conto recorreremos ao flanelógrafo. (cf. Anexo 6)

Após a leitura, estabelecemos um diálogo com as crianças de modo a aferir os conhecimentos adquiridos.

“Recordam-se do título da história que acabaram de ouvir? O que acham sobre o que os pais fizeram aos meninos na história, ao deixa-los sozinhos na floresta? Acham que os pais queriam mesmo fazer isso? Porquê? O Hänsel recolheu seixos brancos para os guiar pelo caminho. Acham que foi uma boa ideia? O que vocês fariam se fossem o Hänsel? Como era o Hänsel? Corajoso? Porquê? E a Gretel? O que acham da atitude da mãe quando os viu a chegar a casa? O que acham de mais uma vez os pais deixarem o Hänsel e a Gretel na floresta? Os meninos ficaram sozinhos na densa floresta. Acham que tiveram medo? Se vocês estivessem numa floresta, perdidos, como se iriam sentir? Como se sentiram os meninos quando encontraram a casinha? Mas, na casinha vivia uma bruxa má. O que ela queria dos meninos? A Gretel fazia tudo o que a bruxa pedia, e se vocês fossem a Gretel? O que fariam? Porque será que ela queria comer primeiro o Hänsel e não a Gretel? A Gretel atirou a bruxa ao forno. O que acham da atitude da Gretel? Já sabiam que ela tinha essa coragem? Já livres, os dois irmãos regressaram a casa, como reagiu o pai? Acham que os dois irmãos fizeram bem em voltar a casa? Eles ainda não sabia que a mãe tinha morrido. E se a mãe ainda estivesse em casa. Como acham que ela iria reagir à volta dos meninos? Porquê? Acham que a bruxa era muito má? Mas se não existisse a bruxa eles não encontrariam o tesouro... O que acham disso? O que aconteceu à bruxa?”

Acham justo o que lhe aconteceu? Vocês fariam o mesmo? O que vocês fariam? Qual a vossa personagem preferida? Existe alguma personagem que representa o bem? Qual? Porque acham que essa personagem representa o bem? Existe alguma personagem que representa o mal? Qual? Porque acham que essa personagem representa o mal?”

A atividade pós-leitura consistiu na elaboração de um puzzle com imagens alusivas ao conto. (trabalho em pequeno grupo)

“Depois de tudo o que conversamos, vamos agora realizar uma atividade referente à nossa história de hoje. Vamos formar grupos e cada um vai

construir um puzzle com as imagens dos acontecimentos da história. No final, iremos ver cada puzzle e lembrar os momentos principais do conto”.

A seguir, mostramos a imagem que corresponde a realização da atividade:



Sessão 4 - A Guardadora de Gansos

A sessão nº 4 seguiu os mesmos parâmetros das anteriores.

Na atividade de pré-leitura questionamos as crianças sobre uma imagem, neste conto tínhamos a certeza que nenhuma criança o conhecia.

“Observando esta imagem, sobre o que falará esta história? (imagem avulsa relacionada com o conto) (cf. Anexo 12) O que acham que está representado nesta imagem? O que acontecerá a esta personagem? Qual acham que será o título desta história? A nossa história de hoje chama-se – A Guardadora de Gansos -.Conhecem esta história? Que personagens acham que existem na história? Porque é que a menina tem o nome de Guardadora de Gansos? Como é que será a Guardadora de Gansos? O que acham que acontece à personagem? Quem será a personagem que representa o mal? Porquê? O que acontecerá à personagem que representa o mal? Como acham que termina a história?”.

Para o ato da leitura, optamos por recorrer à projeção multimédia de imagens alusivas aos acontecimentos narrados.

Na fase pós-leitura elaboramos questões tais como: *“A mãe deu um lençinho à filha para lhe dar sorte na viagem. Que amuleto dariam à menina para lhe dar sorte? Vocês têm algum objeto que te vos dê sorte? Qual? A menina perdeu o lenço que a mãe lhe deu e a camareira deixou de lhe obedecer. Porque acham que a camareira não quis obedecer à menina?”* *“Acham que estava a fazer bem? A menina perdeu o lenço e ficou fraca, a camareira tirou partido disso. O que fez a camareira? O que vos parece esta atitude da camareira? O que fariam se fossem a camareira? Como achas que se sentiu a menina? A princesa chegou ao reino como uma criada e a camareira como uma princesa. O que acham desta situação? A verdadeira princesa começou a trabalhar como guardadora de gansos. Como acham que ele se sentia? A camareira que agora era princesa mandou cortar a cabeça do cavalo Fálada. A cabeça foi pendurada no portão e falou com a Guardadora de Gansos. O que acham desta situação? O rei achou estranha a situação e tentou descobrir o que se passava. A Guardadora de Gansos não lhe contou a verdade. O que vocês fariam se fossem a Guardadora de Gansos? Contariam a verdade? Porquê? Descoberta a verdade, a Guardadora de Gansos vestiu as suas roupas de princesa e no jantar a camareira não a reconheceu. Se vocês fossem a menina o que fariam à camareira? O rei perguntou à falsa princesa qual seria o castigo para uma pessoa que tivesse agido de um certo modo, descrevendo o dela. Ela respondeu qual achava ser o castigo merecedor. Porque acham que ela disse que uma pessoa assim merecia castigo quando na verdade foi ela própria que cometeu esse erro? Acham que o castigo foi justo para a camareira? Porquê? E vocês, qual acham que seria o castigo mais justo? No final o príncipe casou com a verdadeira noiva. Que outro final dariam à história? Porquê? Acham que em algum momento vocês agem como a menina (Guardadora de Gansos)? Quando? Porquê? Acham que em algum momento vocês agem como a camareira? Quando? Porquê? Conhecem alguém que vos faz lembrar a menina (Guardadora de Gansos)? Quem?*

Porquê? Conhecem alguém que vos faz lembrar a camareira? Quem? Porquê?”.

Como atividade, as crianças construíram máscaras que representavam o bem e máscaras que representavam o mal. (trabalho em pequeno grupo)

“Lembram-se de o matador ter colocado a cabeça do Fálada no portão? Alguns disseram que parecia uma máscara... Vamos então fazer máscaras que representem o bem e outras que representem o mal. Podem decorar como quiserem...”.

A seguir apresentamos uma imagem da realização da atividade:



Sessão 5 - Irmãozinho e Irmãzinha

Na fase da pré-leitura, questionamos as crianças sobre o que representava a imagem.

“Observando esta imagem, sobre o qual falará esta história? (imagem avulsa relacionada com o conto) (cf. Anexo 15) O que acham que está representado nesta imagem? O que acontecerá a esta personagem? Qual acham que será o título desta história?”

Depois do diálogo, construímos uma história alusiva à imagem observada. (cf. Anexo 16)

Em seguimento, divulgamos o título do conto e questionamos:

“A nossa história de hoje chama-se – Irmãozinho e Irmãzinha - Conhecem esta história? Que personagens acham que existem na história? Como é que será o Irmãozinho? E a Irmãzinha? O que acham que acontece ao Irmãozinho e à Irmãzinha? Quem será a personagem que representa o mal? Será que existem outras personagens na história? Quem e porquê? O que acontecerá à personagem que representa o mal? Como acham que termina a história?”.

Para a leitura do conto servimo-nos de um álbum sanfonado.

Após esta leitura, interrogamos as crianças sobre os valores presentes no conto.

“Recordam-se do título da história que acabaram de ouvir? Como acham que se sentiam os irmãos ao viverem com a madrasta? Os dois irmãos fugiram de casa. O que vocês fariam se fossem os irmãos? A madrasta era uma bruxa malvada e embruxou todas as fontes. O Irmãozinho estava com muita sede. Resistiu à primeira fonte que o transformaria em tigre. Resistiu à segunda fonte que o transformaria em lobo. Mas não resistiu à terceira fonte. O que acham que teria acontecido se ele não resistisse à primeira fonte? E à segunda fonte? A Irmãzinha ficou muito triste assim como o Irmãozinho agora transformado em veado. Encontraram uma casa e viveram lá. Certo dia, andavam por perto caçadas e o veado teve vontade de ir para a caça. A Irmãzinha deixou-o ir. Vocês deixariam o veado ir para a caça? Que medo teriam? Porquê? O rei descobriu as palavras que o veado dizia à Irmãzinha para ela lhe abrir a porta. Caçou o veado e foi a casa e disse as palavras. A menina aceitou ir para o palácio do rei mas com o veado. Viveram felizes, tiveram um filho mas apareceu de novo a madrasta. A madrasta fez mal à Irmãzinha e a filha dela tomou o lugar de rainha. O que acham de toda esta situação? O que acham da madrasta e da sua filha? A ama descobriu que a rainha (Irmãzinha) vinha todas as noites cuidar do bebé e do veado. Porque acham que a Irmãzinha nunca revelou a verdade? O que fariam se estivessem no lugar da Irmãzinha? O rei correu para a Irmãzinha e esta voltou a viver sã. Contou tudo o que aconteceu

e o rei castigou a madrasta e a sua filha. Acham justo o que aconteceu? Vocês fariam o mesmo? Qual o castigo que vocês dariam à madrasta e à sua filha? Qual a parte da história de que gostaram mais? Vocês dariam outro final à história?”.

Realizamos uma atividade de dramatização de ações representativas do bem e do mal. Estas dramatizações foram devidamente fotografadas e posteriormente observadas e debatidas.

“E agora vamos ser nós os protagonistas das ações do bem e das ações do mal. Vamos pensar em ações do bem e ações do mal e depois vamos representá-las. Seremos nós próprios os protagonistas desta “história”. Vou fotografar esses momentos e depois vamos ver no computador as imagens e conversar sobre elas.”.

De seguida mostramos uma das imagens da realização da atividade:



Sessão 6 – Mãe Holle

A sessão 6 seguiu o exemplo das sessões anteriores.

Primeiramente, *“Observando esta imagem, sobre o que falará esta história?” (imagem avulsa relacionada com o conto) (cf. Anexo 18) O que acham que está representado nesta imagem? O que acontecerá a esta personagem? Qual acham que será o título desta história?”.*

“A nossa história de hoje chama-se – A Mãe Holle -.Conhecem esta história? Que personagens acham que existem na história? Porque é que o conto se chamara Mãe Holle? Será a mãe de quem? A mãe Holle será uma boa ou má mãe? Porquê? O que acham que acontece à Mãe Holle? Quem será a personagem que representa o bem? Porquê? O que acontecerá à personagem que representa o bem? Quem será a personagem que representa o mal? Porquê? O que acontecerá à personagem que representa o mal? Como acham que termina a história?”.

Recorremos à dramatização, com recursos a diversos adereços, para fazer a leitura do conto. (cf. Anexo 18)

No final da leitura, procedemos a questões sobre o conto:

“A história fala-nos de uma mãe que tem duas filhas, mas não as trata da mesma maneira. Porque acham que isto acontece? Será correto? Porquê? O fuso da menina caiu ao poço e a mãe ordenou para ela o ir buscar. O que fariam se vocês fossem a menina? A menina encontrou uma velha, mas esta senhora também pediu para ela trabalhar em casa. Mas acham que ela estava na mesma situação de quando estava em casa da mãe? Porquê? Quais as diferenças? A menina sacudia a almofada e caia neve. Gostavam de ter uma almofada assim? O que a vossa almofada faria?” “Cai neve na vossa almofada? Porque acham que a menina tinha saudades de casa? Vocês teriam saudades de casa se fossem a menina? De que teriam mais saudades? A Mãe Holle cobriu a menina de ouro. Acham que ela mereceu? Porquê? Quando a menina regressou a casa, foi em recebida pela sua mãe e pela irmã. Acham que a mãe e a irmã estavam a ser sinceras? Porquê? Depois de saberem o que aconteceu, a mãe mandou a outra filha atirar-se também ao poço para tentar a mesma sorte. O que acham desta atitude da mãe? Acham que ela deveria ter mandado a outra filha também? Será que esta filha também merecia ficar coberta de ouro? A outra filha quando caiu ao poço, não ajudou os pães nem as maçãs. O que acham desta atitude? Vocês ajudariam? Porquê? A Mãe Holle cansou-se de esta menina não fazer nada e despediu-a.

Acham que fez bem? O que a Mãe Holle deveria ter feito? Acham que o castigo que a Mãe Holle lhe fez foi o suficiente? O que vocês fariam a esta menina? Qual a parte da história de que gostaram mais? Vocês dariam outro final à história? O que aconteceria às irmãs, à mãe e à Mãe Holle?”.

A atividade para esta sessão apoiou-se na identificação de imagens referentes a ações do bem e a ações do mal. (trabalho individual)

“Estão a ver a mesa com muitas imagens? São imagens que representam ações de fazer o bem e ações de fazer o mal... gostava que cada menino encontrasse três imagens de cada... e as colasse na folha correspondente. Têm que me dizer porque é que escolheram essa imagem e o que ela representa.”.

Abaixo apresentamos uma das imagens relacionadas com a atividade realizada:



Como refere a literatura, o leitor constrói-se lendo e ampliando as suas experiências de vida. A tarefa de seduzir as crianças para o encanto das palavras, viajando pelos sentidos e emoções, exige que estas sejam estimuladas para o ato de criação, através do contato com diversas experiências sensoriais e formas de arte.

Os métodos de trabalho dividiram-se entre a vertente individual, trabalho em pequeno e grande grupo, os quais promoveram as reflexões e debates.

Com as atividades individuais, pretendemos atender à individualidade de cada criança, respeitando o seu ritmo de trabalho e reflexão. As atividades em pequeno e grande grupo visaram desenvolver competências sociais, de comunicação e de trabalho em equipa permitindo que as crianças tomassem decisões e gerissem conflitos.

4.2.2 – Filmagens das Intervenções

As filmagens de cada sessão tiveram como principal objetivo obter um registo para futura análise. As gravações decorreram na sala de aula durante a leitura do conto e a atividade final. Em conjunto com as gravações de vídeo, foi utilizado também o gravador de áudio.

Revelou-se um instrumento indispensável para realizar o estudo em questão, pois permitiu-nos observar todas as expressões, interações, e comportamentos das crianças perante a leitura do conto, as interações entre elas e, também, entre elas e o investigador.

Como já referido anteriormente, este instrumento tem algumas limitações, as crianças distraem-se com as filmagens e para tal, servimo-nos de duas câmaras de filmar (cada uma focava metade do grupo), posicionadas em locais mais escondidos, porém em todas as sessões foram mencionadas da sua presença e uma semana antes da primeira sessão realizamos atividades usando filmagens. Assim, as crianças já estavam familiarizadas com a sua presença e conseguimos que com isso interferisse o mínimo possível no decorrer das atividades.

Cada filmagem foi vista e revista e a partir dessa visualização conseguimos retirar informação que de outra forma não nos seria possível no decorrer da ação. Estas informações foram analisadas e serviram para complementar as que já haviam sido preenchidas nas escalas de observação direta.

A seguir, consideramos ser importante apresentar os resultados, a sua discussão e conclusões.

4.3 – Resultados

Tendo em consideração os objetivos a que nos propusemos, apresentamos algumas conclusões acerca da intervenção realizada durante o projeto e a respetiva análise.

Como lidamos com crianças de 4 (quatro) e 5 anos (cinco), os contos de fadas são apreciados por todos, daí incluímos as estratégias das histórias para conseguir, de alguma forma, com que identificassem os valores do bem e do mal.

Para a apresentação de resultados, auxiliamo-nos nas filmagens e observações diretas de cada sessão, nas escalas de observação direta e produto final das atividades pós-leitura.

Apresentamos a seguir os resultados dos dados tendo em conta a análise das categorias e indicadores da escala de observação direta de comportamentos, atitudes e emoções (cf. Anexo 1) e leitura dos gráficos resultantes do tratamento de dados (cf. Anexos 20 - Gráficos de 1 a 33).

A categoria “comportamentos, atitudes e emoções” refere-se à atenção, interesse, manifestação de emoções, comportamento, atitudes e interação com os pares. Sendo assim, explicitaremos os indicadores no qual nos baseámos.

- “A criança está concentrada na leitura da história.” – No decorrer da leitura, verifica-se que na sua maioria, as crianças estão concentradas e atentas ao texto narrado. O grupo está silencioso e atento, ouvindo a história que o adulto está a narrar. Seguem com interesse todo o decorrer da narrativa, não demonstrando falta de concentração. (cf. Anexo 20, gráfico 1)

- “A criança demonstra interesse pela história na medida em que os factos são narrados.” – Verifica-se que as crianças demonstram interesse pela história no decorrer da leitura da mesma. Observam o narrador atentamente expressando comentários especulativos do que se irá suceder ao longo da narrativa. (cf. Anexo 20, gráfico 2)

Criança A: “E depois?”

Criança I: “E depois que aconteceu?”

Criança N: “E agora?”

Criança I: “Sacudia muito a almofada?!” (sessão 6)

- “A criança fica admirada com os acontecimentos da narrativa.” –
Verifica-se que na sua maioria, as crianças ficam admiradas com os acontecimentos narrados. Demonstam através da expressão boquiaberta, de sorrisos e de expressões faciais de admiração. (cf. Anexo 20, gráfico 3)

Criança A: “O irmãozinho não tinha medo dos caçadores?” (sessão 5)

Criança C: “Ah, eles comeram as migalhas!” (sessão 3)

Criança N: “Pois comeram mas ele não viu... e agora?” (sessão 3)

Criança H: “Agora não tem as migalhas e não sabe o caminho!” (sessão 3)

- “A criança demonstra impaciência decorrente do desejo de conhecer rapidamente o desenrolar da história.” – Ao longo das sessões, constata-se que as crianças não revelam comportamentos de impaciência. Não existe inquietude no grupo e estão concentradas e interessadas na leitura, permanecem sentadas de maneira correta, observando o narrador com um olhar atento. (cf. Anexo 20, gráfico 4)

Criança N: “Ela vai encontrar o lobo e ele vai comê-la (...) e à avó.” (sessão 1)

- “A criança demonstra falta de atenção com o decorrer da história.” –
Verifica-se que a maior parte das crianças demonstra atenção com o decorrer das ações da história. Algumas apresentam alguns sinais de falta de atenção tais como, distração com objetos, mexer com o dedo nas superfícies do chão e parede, além de comportamentos de alienamento à realidade. (cf. Anexo 20, gráfico 5)

- “A criança manifesta medo/ansiedade/ tensão em determinado momento da história. Qual momento?” – À medida que os acontecimentos da ação se desenrolam, as crianças quase manifestam algumas emoções de medo, ansiedade ou tensão. Por vezes, fazem expressões faciais de medo ou de surpresa quando o vilão estava a “ganhar” ao herói ou quando o herói passa por momentos mais perigosos ou tristes. (cf. Anexo 20, gráfico 6)

- “A criança demonstra alegria/ satisfação em determinado momento da história. Qual momento?” – As crianças, na maioria das vezes, revelam sentimentos de alegria e satisfação no decorrer das leituras. Demonstram tais sentimentos quando o herói sai vitorioso, quando o falso herói é desmascarado ou em algum momento mais irónico e engraçado. (cf. Anexo 20, gráfico 7)

Criança G: “É bem feito para a bruxa.” (sessão 2)

Criança N: “Ah, ah, ah... a bruxa foi castigada.” (sessão 2)

Criança G: “Eh... ficou preta!” (sessão 6)

- “A criança assusta-se em determinado momento da história. Qual momento?” - Verificamos alguns momentos de susto ou de um sentimento mais profundo em relação momento decisivos da história. (cf. Anexo 20, gráfico 8)

Criança E: (expressão de susto quando a cabeça do cavalo é pendurada no portão (sessão 4))

Criança A: (expressão de susto quando os dois irmãos estão perdidos na floresta (sessão 3))

- “A criança suspira em determinado momento da história.” - Observamos alguns momentos de suspiros por parte das crianças em relação a momentos fulcrais das histórias. (cf. Anexo 20, gráfico 9)

- “A criança mexe-se constantemente ao longo da leitura.” - Determinadas crianças têm alguma dificuldade em se manterem quietas e calmas enquanto o adulto narra a história. Por sua vez, um pequeno grupo de crianças, mexem-se constantemente ao longo da leitura, no entanto

demonstram comportamentos inquietos e impacientes noutras situações. (cf. Anexo 20, gráfico 10)

- “A criança movimenta-se para um lugar diferente daquele onde decorre a atividade.” – A maioria das crianças não se movimentou para um lugar diferente daquele onde decorreu a atividade enquanto o adulto narrava a história. No entanto, um grupo minoritário de meninos aproximaram-se da narradora nos momentos em que o texto narrado era mais entusiasmante. (cf. Anexo 20, gráfico 11)

- “A criança revela alívio com a resolução da problemática da história.” – Na sua maioria, as crianças revelam alívio com a resolução da problemática das histórias. Manifestam contentamento através de comportamentos e atitudes positivas, como por exemplo, sorrir e bater palmas. Através de palavras e diálogos entre si, celebraram com festividade os castigos dos vilões dos contos e a vitória dos heróis. Manifestaram felicidade com a vitória do bem sobre o mal. (cf. Anexo 20, gráfico 12)

Criança G: “Ela ficou preta! Bem feita!” (sessão 6)

Criança N: “E viveram felizes para sempre!” (sessão 6)

Criança C: “E viveram felizes com o pai.” (sessão 3)

- “A criança demonstra satisfação com o final da história.” – Verifica-se que as crianças demonstram satisfação com o final da história, precisamente, porque o bem vence o mal. Porém, existe uma criança que se demonstra insatisfeita com o final da narrativa porque conhecia uma versão diferente da história narrada. (cf. Anexo 20, gráfico 13)

Criança G: “Oh, já sabia... mas o lobo devia ir para o jardim zoológico (...) não é assim!” (sessão 1)

- “A criança realiza comentários ao longo da história.” – As crianças foram expondo alguns comentários ao longo da leitura das histórias. (cf. Anexo 20, gráfico 14)

Várias crianças: “E depois? E depois? ... Que aconteceu?” (várias sessões)

Criança L: “O lobo comeu a avó!” (sessão 1)

Criança C: “Coitada da Branca de Neve.” (sessão 2)

- “A criança coloca questões no decorrer da leitura.” – A maioria do grupo não colocou questões no decorrer da leitura. Contudo, é de salientar que houve um pequeno grupo, mas significativo, que colocou questões pertinentes ao longo da narrativa. (cf. Anexo 20, gráfico 15)

Criança C: “Mas o pai não quer deixar os filhos na floresta pois não?” (sessão 2)

Criança N: “Acho que a menina mereceu o castigo, ela era muito preguiçosa! Não era?” (sessão 6)

Criança F: “Porque é que a Branca de Neve deixava sempre a bruxa falar com ela?” (sessão 2)

A categoria “interação em grande grupo” visa dar resposta às interações que as crianças estabelecem entre si e com o adulto. As sessões e atividades facilitaram as oportunidades de interação entre as crianças. Estes momentos de partilha revelaram grande importância no sentido de desenvolvimentos de interações e comunicações entre os pares.

Na investigação que envolve a participação de crianças, é imprescindível a sua participação para buscar compreender os sentidos e significados das suas expressões e manifestações, exigindo de nós pesquisadores uma sensibilização do olhar e da escuta.

Nesta categoria, o adulto procura dar importância aos discursos e conhecimentos das crianças, estando a possibilitar às mesmas a centralização do processo educativo e potenciando a aquisição de conhecimentos e desenvolvimentos de competências. Agindo dessa forma, o adulto permitirá que a criança se sinta mais confiante e com mais liberdade para manifestar os seus pensamentos e sentimentos.

Explicitaremos agora os indicadores no qual nos baseámos para a categoria “interações em grande grupo”.

- “A criança pede ao adulto que recontе a história.” – Verifica-se que apenas nas últimas sessões das leituras das histórias, as crianças solicitaram ao adulto que recontasse a história demonstrando preferência e interesse por estas. (cf. Anexo 20, gráfico 16)

Criança A: “Conta outra vez!”

Criança M: “Na próxima aula, podes contar outra vez?”

Criança N: “E agora, quando vens contar outra história?”

- “A criança pede para recontar o final da história.” – Ao contrário dos pedidos para recontar as histórias na íntegra, não se obteve muitos pedidos para recontar apenas o final da história. Quando pedem para o adulto recontar, solicitam a narrativa da totalidade da história e não apenas o seu final. (cf. Anexo 20, gráfico 17)

- “A criança realiza conversas paralelas ao grande grupo durante a leitura.” – Na sua maioria, as crianças não realizam conversas paralelas à leitura que decorre. (cf. Anexo 20, gráfico 18)

- “A criança espera pela sua vez de falar em grande grupo.” – Nos momentos de questionamento, observa-se que não esperam pela sua vez de falar. Era tal o entusiasmo para realizarem comentários sobre o conto, que na sua maioria não conseguiam esperar pela sua vez e expressarem a sua opinião. Assim sendo, não respeitam o momento que o colega está a falar, acabando por o interrompê-lo. (cf. Anexo 20, gráfico 19)

- “A criança promove interação com os colegas em grande grupo.” – Quando realizadas as atividades em grande grupo, existe uma grande interação entre os meninos, promovendo o enriquecimento e o sucesso da atividade que está a ser realizada. (cf. Anexo 20, gráfico 20)

- “A criança promove interação com o adulto em grande grupo.” – Durante o decorrer das sessões de leitura e das atividades em grande grupo, existiu uma grande interação e cumplicidade entre as crianças e o adulto. (cf. Anexo 20, gráfico 21)

- “A criança demonstra indignação com as ações das personagens. Quais?” – As crianças não demonstraram grande indignação com as ações das personagens. Algumas foram questionando as ações das personagens antagonistas e das protagonistas. Interrogam-se sobre o vilão enganar a vítima (Branca de Neve), o protagonista transgredir uma proibição estabelecida (Capuchinho Vermelho), um falso herói fazer-se passar pelo herói (A Guardadora de Gansos), entre outros. (cf. Anexo 20, gráfico 22)

Criança N: “A bruxa enganou a Branca de Neve! A maçã tinha veneno e ela comeu!” (sessão 2)

Criança C: “A criada era má e queria ser como a princesa.” (sessão 4)

Criança L: “O Capuchinho Vermelho não obedeceu à mãe e agora o lobo vai come-la!” (sessão 1)

- “A criança sente empatia com as personagens que representam os protagonistas.” – Todas as crianças sentem empatia pela personagem protagonista. Demonstam preferência pelas personagens do bem. (cf. Anexo 20, gráfico 23)

Criança H: “Quero ser como a Branca de Neve.” (sessão 2)

- “A criança sente empatia com as personagens que representam os antagonistas.” – Nenhuma criança se identifica com a personagem antagonista. Demonstam preferência pelas personagens do bem, em contraponto com as do mal. (cf. Anexo 20, gráfico 24)

- “A criança identifica-se com o herói da história.” – Todas as crianças se identificam com o herói. Afirmam que gostariam de ser a Branca de Neve, o

Hänsel, a *Gretel* ... porque foram corajosos, lutaram contra o mal e no final venceram-no. Todas as crianças assumiram o herói das histórias como as suas personagens preferidas. (cf. Anexo 20, gráfico 25)

Criança M: “*Eu também sou corajosa como a Gretel.*” (sessão 3)

- “A criança identifica-se com o vilão da história.” - Nenhuma criança se identifica com o vilão da história. Assumem o vilão como uma personagem do mal, por isso não se identificarem com ela. (cf. Anexo 20, gráfico 26)

- “A criança avalia os comportamentos do herói da história (identifica o bem).” – Na sua maioria, as crianças conseguem avaliar os comportamentos dos heróis das histórias e identificam o valor do bem presente em cada narrativa e em cada personagem. (cf. Anexo 20, gráfico 27)

Criança M: “*A Gretel foi corajosa!*” (sessão 3)

Criança H: “*O caçador salvou a Capuchinho Vermelho.*” (sessão 1)

Adulto: “- *O que acham da atitude da Capuchinho Vermelho?*” “- *Vocês fariam o mesmo?*”

Criança M: “*Devemos obedecer à mãe... se eu fosse a Capuchinho não falava com o lobo e ia para casa da minha avó.*”

Criança N: “*A minha avó está no Brasil.*”

Criança B: “*la para casa da avó dela...*”

Criança C: “*la para casa da avó Júlia e do avô Canelhas.*”

Criança N: “*O lobo engana!*”

Criança M: “*Não devemos acreditar nele.*”

Criança B: “*Comeu a avó e vestiu as roupas dela.*”

Criança B: “*E nem se via os olhos...*”

Criança A: “*E comeu o capuchinho vermelho!*” (sessão 1)

- “A criança avalia os comportamentos do vilão da história (identifica o mal).” – As crianças avaliam os comportamentos dos vilões das histórias e identificam o valor do mal presente em cada um. (cf. Anexo 20, gráfico 28)

Criança H: “Esta criada era tão, tão má!” (sessão 4)

Adulto: “- Existe um lobo? Esse lobo é bom ou mau? Porquê?”

Criança B: “É mau...”

Criança D: “É mau, porque come a avó...”

Criança N: “Eu sei... po...porque... porque... porque ele... ele é um lobo... o lobo tem dentes para comer abelhas... tem dentes afiados para comer...”

Criança A: “E tem uma boca grande...” (gesto de grande)

Adulto: “- Os lobos comem as avozinhas?”

Criança B: “Comem!”

Criança D: “As raposas também comem!” (sessão 1)

Adulto: “- O que a rainha fez à Branca de Neve?”

Criança L: “Deu uma maçã porque queria que ela desmaiasse. Porque o espelho disse “espelho meu há alguém mais bonito do que eu” e ele disse que era a branca de neve por isso queria ser ela a bela princesa e deu uma maçã para que fosse ela a mais bela. ” (sessão 2)

- “A criança relaciona os comportamentos entre o herói e o vilão da história.” – Todas as crianças conseguem relacionar os comportamentos entre os heróis e os vilões dos contos. Identificam sem dificuldade o herói responsável por comportamentos corretos e o vilão responsável por comportamentos impróprios. (cf. Anexo 20, gráfico 29)

- “A criança estabelece uma relação entre o bem e o mal apresentado na história.” – Todas as crianças estabelecem uma relação entre o bem e o mal. Identificam o herói como personagem do bem e o vilão como personagem do mal. (cf. Anexo 20, gráfico 30)

Criança I: “O pai não queria abandonar os filhos. Era bom.” (sessão 3)

Criança L: “A criada mereceu o castigo porque era muito má!” (sessão 4)

Criança L – “Cada um tem o seu belo.” (sessão 2)

- “A criança relaciona os factos da história com a vida real (situações, pessoas, imagens do quotidiano...)” – Uma grande parte das crianças consegue relacionar os factos narrados com a vida real. Identificam situações equivalentes da história à sua vida pessoal, assim como se identificam com as personagens dos contos de fadas. (cf. Anexo 20, gráfico 31)

Criança N: “Eu não sou como a bruxa!” (sessão 2)

Criança D: “A mãe Holle é como a minha avó!” (sessão 6)

Adulto: “- Acham que em algum momento vocês agem como a Branca de Neve?” “E como a rainha?”

Criança J: “Às vezes quando nos portamos mal somos como a bruxa e quando nos portamos bem somos como a Branca de Neve. ”

Criança I: “Não quero ser como a bruxa. ”

Criança J: “Quando estou de castigo sou bruxa e quando não estou de castigo, sou como a branca de neve. ”

Criança B: “Sou como a bruxa quando empurro as pessoas e fico de castigo e se não empurrar, sou como a branca de neve. ”

Criança A: “Eu nunca me porto mal. Estou a dizer a verdade. Não me porto mal. ” (sessão 2)

- “A criança reage face ao texto original e ao texto adaptado.” – Grande parte das crianças não tece comentários alusivos ao texto original face ao texto adaptado. Poucas foram as que reagiram ao texto, anteriormente, conhecido e à versão agora narrada. (cf. Anexo 20, gráfico 32)

Criança C: “Ela vai encontrar o lobo e ele vai comê-la (...) e à avó.” (sessão 1)

- “A criança acrescenta novos valores ao texto. Quais?” – Poucas são as crianças que conseguem acrescentar novos valores ao texto. Conseguem identificar os valores presentes em cada história, mas sentem alguma

dificuldade em acrescentar novos valores. As crianças que conseguem realizar este exercício fazem-no com questões pertinentes. (cf. Anexo 20, gráfico 33)

Criança I: “Devemos ser amigos.” (sessão 5)

Criança G: “Eu partilho as coisas e sou bom.” (sessão6)

4.4 – Discussão de Resultados e Conclusões

Discutiremos neste capítulo, os resultados obtidos e as suas conclusões. Esta análise é realizada através da observação direta e participante com o apoio das filmagens das sessões. Salientamos que as filmagens não estão autorizadas para divulgação.

Verificamos que as crianças estiveram concentradas na leitura e demonstraram interesse pela história narrada em praticamente todas as sessões. Neste parâmetro notou-se alguma desconcentração e desinteresse nas primeiras sessões, cremos que se deveu ao facto de serem contos muito conhecidos por parte das crianças e isso afetou a concentração na leitura.

Nos contos já conhecidos, não revelaram atitudes de admiração com os acontecimentos das narrativas, já nos contos desconhecidos apresentaram sinais de admiração tais como expressões de boquiaberta e olhos arregalados.

Apenas no conto mais conhecido (Capuchinho Vermelho), alguns alunos revelaram atitudes de impaciência pela história na medida em que os fatos foram narrados. Apresentaram-se inquietos e antecipavam as ações da narrativa como ato de impaciência.

Algumas das crianças ao longo das sessões revelaram alguma falta de atenção, algumas brincavam com o dedo no chão, outras com o próprio vestuário.

Constatamos que as crianças manifestaram alguma ansiedade, medo e tensão nos momentos mais cruciais das histórias. Os momentos de mais tensão foram quando o vilão “ganhou” ao herói ou quando o herói passou por momentos mais perigosos ou tristes. Alguns indicadores que observamos

nestes momentos foram quando as crianças esfregaram as mãos, limparam o suor da testa e roeram as unhas.

No decorrer das leituras, as crianças foram revelando sentimentos de alegria e satisfação. Sorriam e comentavam a alegria de certas situações por exemplo, quando o herói saía vitorioso, quando o falso herói foi desmascarado ou em algum momento mais irónico e engraçado.

Verificamos que algumas crianças assustaram-se em momentos inquietantes da história. Quando o herói encontrou o vilão, quando o vilão fez mal ao herói ou quando o vilão foi castigado.

Observamos, que na sua maioria, as crianças não demonstram situações de suspiros em relação às narrativas.

Algumas crianças tiveram alguma dificuldade em se manter quietas e calmas durante a leitura. De salientar, que este facto nunca foi observado em momentos cruciais do conto, mas sim em momentos mais descritivos da narrativa. Apesar de se mexerem, constatamos que não se movimentaram para lugares diferentes daqueles onde decorria a atividade.

As observações revelaram que a maior parte das crianças revelou alívio com a resolução da problemática da história. Realizaram comentários, sorriram e celebraram os castigos aplicados ao vilão.

Verificou-se a existência de comentários e questões ao longo das leituras. As crianças antecipavam e conjeturavam algumas ações das personagens. Também repetiam algumas frases narradas e confirmavam factos relatados.

As crianças não pediram o reconto das histórias já por elas conhecidas ao contrário das desconhecidas. Ao longo das sessões, cada vez mais constatamos o pedido do reconto devendo-se ao facto da proximidade e cumplicidade desenvolvida pelas crianças perante o investigador. De referir, que semanas depois da aplicação da leitura das histórias, as crianças ainda pediam para recontar os contos abordados ou contar novas histórias, “*Podes contar novamente a história do Hänsel e da Gretel.*”; “*Magda conta outra história.*”; “*Porque já não contas mais histórias?*”. Não obtivemos muitos pedidos para recontar apenas o final da história. Algumas crianças, nos dias

seguintes, foram conversando sobre o final da história, alternando o final da história contada, mas não foi frequente o pedido para o reconto do final. Apesar de alterar o final, verificamos que o vilão é sempre punido e o herói sai sempre vitorioso.

Nos momentos de leitura, não observamos muitas conversas paralelas. Na primeira sessão, notamos este facto mas depreendemos que falavam sobre o texto lido e a versão que conheciam. Nas situações de questionamento, observamos que não esperavam pela sua vez de falar. O narrador teve que assumir uma postura mais rígida para controlar a exaltação das crianças pedindo e fazendo ver que era importante a opinião de todos, mas que teriam de respeitar e esperar a sua vez de falar.

Podemos afirmar que existiu uma perfeita interação entre as crianças e entre as crianças e o adulto e que tal facto se repetiu que se nas semanas seguintes ao fim das sessões de intervenção. Esta relação revelou-se mais importante do que poderíamos, a princípio, supor. Constatamos que as crianças que conseguiam estabelecer uma relação de confiança com o adulto tornavam-se mais participantes e expressavam-se com mais desenvoltura, não temendo as críticas e comentários dos outros.

Algumas crianças foram demonstrando indignação através de comentários com as ações das personagens antagonistas.

Tal como nos diz a teoria, todas as crianças sentiram empatia e identificaram-se com os protagonistas dos contos e todas sem exceção, sentiram antipatia e não se identificaram com os vilões da história.

Algumas crianças foram fazendo relações de comportamentos entre o herói e o vilão e entre o bem e o mal, muito significativas em todo o processo de leitura. Por vezes, exprimiam que o protagonista iria “ [...] *ser feliz para sempre* [...]” e que “ [...] *o mal perde sempre, não devemos ser assim maus*.”.

Observamos que algumas crianças conseguem relacionar fatos da história com a sua própria vida e emitir um julgamento, por exemplo, “*Se eu fosse o João batia na bruxa e fugia.*”; “*Eu também tenho um amuleto da sorte.*”; “*Eu sou como a Branca de Neve.*”. Neste último, houve um processo de identificação entre a criança com uma das personagens do conto.

Logo, afirmamos que, ao vivenciar estas leituras as crianças conseguem realizar a transição entre a ficção e a realidade, promovendo o relacionamento entre a vida pessoal e o texto.

Salientamos ainda o facto de algumas crianças atribuírem novos símbolos negativos a determinados momentos da narrativa, de acordo com o seu repertório imagético ou das suas experiências de vida. Como exemplo referimos o comentário de uma criança no conto da Capuchinho Vermelho, “ (...) *as raposas também comem as pessoas* ”.

Constatamos que as crianças atribuírem novos valores às narrativas como a amizade, a partilha, a união, o amor entre outros.

No processo de elaboração das atividades, os alunos interagem com os outros colegas, argumentando sobre as personagens das narrativas, “ (...) *aquela irmã era muito má (...) ela era preguiçosa.*”; “ (...) *eu tenho medo de lobos (...) tu não tens?*”; “ (...) *vou pedir à minha mãe uma almofada mágica*”. Ou seja, quando a criança tem a possibilidade de vivenciar a leitura de textos literários com tamanha riqueza simbólica, ela consegue entrar em palco simbolicamente e reinventar novas possibilidades e caminhos para aquela história, acreditando na continuidade da história partindo dos símbolos que ela mesmo associou às suas experiências.

Esta capacidade crítica e reflexiva foi o que mais nos surpreendeu. Rapidamente passaram a assumir posições, a mencionar alternativas às questões e a refletirem sobre os valores presentes nos contos abordados. De referir, que na sua maioria todas as crianças conseguiram identificar o bem e o mal presente nos contos, conseguiram também transpor essa reflexão para a vida real, pois observamos que trocavam comentários alusivos à prática de ações de mal e de bem, “*Olha que não deves furar a fila comboio?*”, “*És mau se não partilhares os brinquedos.*”, “*Magda, eu hoje trouxe a minha boneca e emprestei à minha amiga*”...

Quanto a possibilidade dos contos de fadas como meio de promoção para a identificação de valores temos a referir que revelou-se um material valioso para este propósito. Se as crianças, antes do início deste projeto, mostravam algum interesse pela leitura de histórias e poucos valores

adquiridos e refletidos, com o projeto, esse interesse alterou-se qualitativamente: agora sabem porque preferem determinada personagem, julgam as histórias e são capazes de relacioná-las com a sua própria vida.

Na atividade da sessão nº 1, carta à personagem, todas as crianças quiseram escrever a carta ao Capuchinho Vermelho, os alunos envolveram-se plenamente na construção da carta e foram sugerindo conselhos à personagem (cf. Anexo 4). Na atividade “Espelho mágico”, correspondente à sessão nº2, as crianças procuraram cruzar a vida real com as características das personagens. Estabeleceram relação com a personagem do mal e com a personagem do bem, relacionando factos da história com a vida real, relataram que “são a Branca de Neve” portam-se bem e partilham brinquedos e “são a bruxa” quando se portam mal, quando não partilham, quando empurram amigos, quando só fazem asneiras e quando vão para o castigo (cf. Anexo 7). A atividade “Construção de um puzzle”, sessão nº3, correu muito bem, estiveram empenhados, ajudaram-se mutuamente entre e observamos que iam falando da história e da imagem que correspondia a determinado momento da narrativa (cf. Anexo 10). Na sessão nº4, “Máscaras do bem e máscaras do mal”, salientamos o facto de os grupos das máscaras do mal pedirem para pintarem a máscara de preto, associando o preto que é uma cor escura ao mal, ao sombrio e obscuro. No final da atividade, constatamos que as máscaras do bem apresentavam cores claras, muitos brilhantes e até com coroas e, por sua vez, as máscaras do mal apresentavam cores mais escuras, alguns brilhantes e chifres, pois como referiram *“os maus podem ter corninhos porque são muito maus”* (cf. Anexo 13). Na sessão nº 5, atividade consistiu em representar ações associadas a fazer o bem e fazer o mal. As crianças adoraram esta atividade, elas próprias puderam representar várias personagens e todos quiseram participar. No final, observaram as imagens e discutiram entre grupo porque devemos fazer o bem e porque não devemos fazer o mal. Observamos que neste diálogo, o grande grupo, refletiu sobre as próprias ações que têm entre eles, na escola e em casa (cf. Anexo 16). Na última sessão, entre uma panóplia de imagens representativas de ações de fazer bem e de fazer mal, as crianças tiveram de escolher 3 imagens de cada ação e justificar o porquê desta

escolha. Todas as crianças tiveram facilidade em escolher as imagens e associá-las ao fazer bem e fazer mal (cf. Anexo 19).

Em trabalho de grupo, as mudanças de comportamento revelaram-se mais demoradas. Algumas crianças não respeitavam o outro, ridicularizavam-no nas opiniões e não conseguiam esperar pela sua vez de participar. Percebemos que o aumento da capacidade reflexiva das crianças nem sempre era traduzida de imediato pela mudança de comportamento.

Refletimos agora, de maneira geral, o trabalho realizado ao longo das seis sessões.

Logo na primeira sessão, as crianças revelaram-se entusiasmadas e motivadas para a leitura, curiosas e interessadas em conhecer novas histórias.

Com a apresentação de uma imagem referente ao conto do dia, observamos que as crianças conseguiram antecipar algumas ideias, criar novas tramas e dar sugestões acerca do conto e das personagens.

As leituras dos contos, a apresentação das ilustrações e as diferentes estratégias de animação da leitura cativaram de forma muito positiva o grupo de crianças, que se mantiveram na sua maioria atentas.

Nos momentos de questionamento, verificamos que algumas crianças interpretaram com primazia o enredo da história. Estes momentos foram importantes para que as crianças se envolvessem mais profundamente na história e na sua compreensão.

Verificamos que algumas crianças, no final da sessão, ofereciam-se para ajudar a arrumar a sala. Ao pegarem nos objetos/ materiais, as crianças iam estabelecendo alguma relação entre eles e elaborando histórias já conhecidas, inventando ou reproduzindo a história da sessão desse dia. Uma das crianças destacava-se com as suas intervenções carregadas de entusiasmo e criatividade.

Foi uma experiência muito positiva na medida em que proporcionou a estas crianças (que não estão habituadas a muitos momentos de leitura) momentos de prazer e gosto pela leitura, assim como possibilitou desenvolver-lhes competências literárias e a discussão sobre os valores.

Após a análise de resultados, passamos a apresentar os recursos materiais e humanos que foram necessários para o desenvolvimento do nosso projeto.

5 – RECURSOS

Para a realização deste trabalho foram necessários os seguintes recursos humanos e materiais.

Recursos humanos

- Grupo de 14 crianças de 4 e 5 anos;
- Investigador;
- Educadoras das salas do público-alvo;
- Outras educadoras.

Recursos materiais

- Contos originais dos Irmãos Grimm;
- Guiões para cada conto;
- Ilustrações avulsas;
- Sala de aula equipada com mesas, cadeiras e um local específico para a hora do conto;
- Material de apoio à animação da leitura: fantoches, álbum sanfonado, álbum seriado, flanelógrafo, objetos alusivos aos contos;
- Material de papelaria/desperdício: folhas de papel de desenho, papel de cenário, canetas, lápis, giz, tintas, aguarelas, pincéis e telas, cola, tesouras e diferentes materiais de desperdício;
- Gravador áudio;
- Câmara de filmar.

Chegando a esta fase, passamos à avaliação do percurso realizado.

6 – AVALIAÇÃO

A avaliação é um suporte de planeamento e elemento fundamental na realização deste projeto, neste sentido, permitiu-nos refletir sobre os efeitos e resultados observados e possibilitou-nos avaliar os processos e os seus efeitos, podendo desta forma, visualizar a evolução do trabalho e a eficácia do seu contributo no desenvolvimento do mesmo.

Quem avaliou o projeto foi o investigador, avaliou-se se a pergunta inicial obteve a sua resposta, ou seja, como devem ser utilizados os contos dos Irmãos Grimm de forma adequada para o reconhecimento e identificação dos valores – o bem e o mal.

O projeto de investigação foi avaliado através da observação direta e participante, escalas de observação, filmagens das sessões e através do desenvolvimento das atividades pós-leitura. A análise das escalas de observação, nas diferentes sessões, permitiu-nos verificar que as atividades propostas constituíram uma mais-valia na aquisição dos nossos objetivos, uma vez que, como analisado anteriormente, os resultados foram bastante positivos.

O momento de avaliação foi aquando a observação e durante todo o percurso. Todo o processo foi gravado e analisado com mais pormenor a fim de obtermos as respostas e resultados.

Podemos ainda referir, que todas as atividades foram bem aceites pelo grupo de crianças e proporcionaram momentos de grande interação e reflexão entre todos os intervenientes.

Avaliou-se todo o processo a fim de solucionar a problemática inicial.

Acreditamos que o projeto foi bem-sucedido e seguidamente iremos refletir sobre a possibilidade de lhe oferecer maior aprofundamento e a possibilidade de disseminação dos seus resultados.

7 – DISSEMINAÇÃO

Este projeto pode apresentar aos educadores de infância, professores, bibliotecários, animadores da leitura, famílias e a todos os interessados, como devemos realizar leituras dos contos dos Irmãos Grimm aos mais pequenos, de forma adequada, como estratégia para a promoção do reconhecimento e identificação dos valores – o bem e o mal. Os contos de fadas, permanentes e intemporais, continuam presentes nas gerações de hoje e continuarão a fazer parte do mundo lúdico e mágico da literatura para a infância e por isso, devem ser disseminados amplamente quanto à sua eficácia pedagógica.

É essa a essência da pedagogia deste projeto, configura-se na esfera da utilização do lúdico, neste caso do texto literário dinamizado de forma pedagógica e motivadora, para dar a conhecer às crianças, não só a versão original dos contos de Grimm, mas também dar a conhecer aos professores/educadores como descobrir as potencialidades pedagógicas dos contos relativamente à formação para os valores.

Os contos de fadas transportam a crianças para o mundo mágico da fantasia, do maravilhoso, e é através deste mundo fantasioso que este projeto de investigação pretende transmitir e dar a conhecer algumas dimensões da existência humana relacionadas ao bem e ao mal aos mais pequenos, com a intenção de fazer dos contos uma interessante plataforma para que a criança se aproprie de valores em benefício da coletividade, do outro, de si mesma e da vida, conforme refere Cavalcanti (2014). Defendemos que a moralidade pode ser uma aprendizagem que se faz através de instrumentos lúdico-educativos desde a primeira infância. Pretendemos que a intemporalidade dos contos de fadas não seja esquecida, seja valorizada e que estes façam parte das práticas educativas.

Como divulgação deste projeto, desejamos elaborar uma compilação de todos os guiões para posterior acesso a todas as pessoas interessadas e também, à criação de um blogue para a divulgação desses mesmos guiões, dos resultados obtidos e de futuras opiniões e guiões de outros contos.

Pretende-se que este blogue seja uma motivação e uma fonte de conhecimento dos contos de fadas para os interessados na área da literatura.

Também achamos pertinente e será um objetivo, elaborar um artigo com publicação numa revista científica da área.

Chegando a esta fase, apresentamos na parte que se segue as nossas considerações finais com o intuito de analisar o percurso realizado e, também, apontar futuras possibilidades de investigação no âmbito desta temática.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais são sempre difíceis de se conceber devido ao facto de aparecerem nestas reflexões novas interpelações criadoras de novos caminhos e interrogações. Paralelamente a isso, a satisfação associada a este trabalho dá origem a que esta ligação se transforme num impulsor para dar seguimento às questões, produzindo novas reflexões.

É com muita satisfação que ao chegar ao fim deste percurso sentimos que se fez diferença neste grupo de crianças e em nós próprias, a leitura dos contos e a realização das atividades, bem como o processo de intervir, observar e analisar. Semeamos uma pequenina semente e com certeza florirá no futuro, porém temos a noção que o processo de se formar leitores críticos é contínuo e não basta uma ação isolada, ainda que esta se constitua numa boa memória. Apraz-nos pensar e acreditar que algo de distinto aconteceu durante as semanas a aplicação do projeto e que algumas crianças guardaram os contos na sua memória afetiva, mas também para a sua capacidade de refletir sobre os comportamentos e valores.

A experiência prática e o trabalho em campo são uma mais-valia no âmbito da análise e reflexão teórica, permitindo articular conceitos e teorias em ação.

A estruturação e análise deste projeto de investigação permite contextualizar teoricamente o campo da literatura para a infância, nomeadamente, os contos de fadas, bem como a importância desta vertente na promoção de momentos que possam fazer com que as crianças reflitam, reconheçam e identifiquem os valores existentes nas narrativas, associando-os à própria experiência de vida.

Através da análise teórica podemos perceber que os contos de fadas, plenos de significados, com estruturas simples, histórias claras e personagens bem definidas nas suas características pessoais, afetam as crianças, entretendo-as e estimulando a imaginação, assim como são capazes de promover a discussão acerca dos valores. Ao mesmo tempo que os contos

ajudam às crianças a superar lutas, que são intrínsecas ao seu processo de desenvolvimento, estes, constroem um sistema metafórico e simbólico.

Com base na problemática do nosso projeto e na nossa pergunta de partida “*Como devem ser utilizados os contos dos Irmãos Grimm para a identificação dos valores do bem e do mal?*” procurámos associá-la aos objetivos a que nos propusemos atingir ao longo da intervenção deste projeto.

Acreditámos que neste projeto o conto de fadas teve um impacto positivo, tendo sido muito bem recebido e recordado em momentos seguintes a ter terminado as sessões de intervenção.

Ao longo das seis sessões, o conto mostrou-se pertinente junto desta faixa etária justamente porque coincide com um período de difícil verbalização do pensamento, mas onde a capacidade de simbolização possibilita a envolvimento com a fantasia e a abordagem aos conflitos internos resultantes desta fase do desenvolvimento.

Apesar de o reino dos contos de fadas e o reino dos valores serem imensos, eles estão profundamente interligados e julgamos mesmo que se complementam. Os contos de fadas albergam personagens variadas e sentimentos díspares e os valores permanecem nesse reino em categorias que os qualificam. Ao estabelecermos esta união (contos de fadas vs. valores), fomos presenteados com uma aprendizagem prazerosa e construtiva.

Os contos de fadas traduzem e expressam valores e após este projeto, acreditamos na sua utilização como ferramenta essencial para a promoção da discussão, reflexão e identificação dos valores como o bem e o mal na educação de crianças, ainda, na faixa do pré-escolar. Podemos constatar que as crianças são capazes de associar as dimensões do bem e do mal com a sua experiência real, bem como com os seus problemas existenciais.

Estas narrativas abordam questões existenciais e relevantes para a vida do ser humano. Não são histórias despojadas de significação, pelo contrário, trazem profundas reflexões acerca da conduta humana que, trabalhadas em sala de aula do pré-escolar, podem ser fontes riquíssimas do ponto de vista pedagógico.

Por tudo isto surgiu a opção em desenvolver um trabalho de resgate dos valores a partir dessas narrativas que, além de encantar, também educam.

A par da implementação do projeto em contexto de sala de aula, julgamos que a complementaridade do mesmo em contexto familiar seria enriquecedor para as crianças.

Acreditamos na relevância deste trabalho, por considerarmos que proporcionar à criança o acesso aos contos de fadas, é colocá-la ao serviço da longa e árdua tarefa da maturação, preenchendo-a com representações simbólicas, além de dar-lhe a oportunidade de se reorganizar emocionalmente, na medida em que os contos de fadas são narrativas estruturadas, como referem Bettelheim (2013) e Cavalcanti (2010), a partir de uma matriz simbólica que produz efeito no inconsciente.

Sabemos que para comprovar se as crianças interiorizaram os valores vividos através do conto precisaríamos de um maior período de tempo, mas plantamos a semente que poderá ser cuidada e alimentada ao longo do tempo futuro.

Certamente não abarcamos todas as visões acerca desta questão, no entanto ficam aqui registadas algumas ideias que não se propõem ser únicas nem irrefutáveis, mas apenas reflexões sobre a eficácia dos contos de fadas quer para a discussão dos valores no contexto de pré-escolar, quer como narrativas capazes de nos encantar e mobilizar afetos nos períodos iniciais da nossa existência. Além das reflexões deixadas, acreditamos que a partir da análise dos nossos resultados é possível verificar que a nossa questão inicial foi respondida satisfatoriamente, visto que durante o período de intervenção o contato com as histórias escolhidas favoreceu a discussão das crianças, dando-lhes a oportunidade de confirmarem ou não as suas hipóteses sobre o bem e o mal, sobre o certo e o impróprio, sobre o efeito de suas ações sobre o outro.

Neste sentido, concluímos os nossos estudos com a certeza de que é preciso e necessário que a escola, também, promova espaços de contato com a Literatura para a Infância desde o pré-escolar, pois estamos convictos de que

a experiência simbólica através da palavra pode promover a capacidade de reflexão crítica sobre a realidade e o mundo.

Referências bibliográficas

- ABRÃO, Karin Kristina Prado Telles. (2009). Contos de fadas e realidade psíquica - A importância da fantasia no desenvolvimento. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8 (1). São Paulo: UNESP. Consultado em 09/06/2014, disponível em <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/125/118>.
- ALBUQUERQUE, Fátima. (2000). *A Hora do Conto*. Lisboa: Editorial Teorema.
- BELL, Judith. (1997). *Como realizar um projecto de investigação: Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Editora Gradiva.
- BENETON, Kelly Haro. (2013). Os contos de Fadas e a Formação do Ser Humano. *Periódico de Divulgação Científica da FALS Ano VII - Nº XVI*. Consultado em 10/06/2014, disponível em [http://www.fals.com.br/revela16/ARTIGO%205 XVI.pdf](http://www.fals.com.br/revela16/ARTIGO%205%20XVI.pdf).
- BETTELHEIM, Bruno. (2013). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa, Bertrand Editora.
- BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- CALVINO, Italo. (1999). *Sobre o Conto de Fadas*. Lisboa: Editorial Teorema.
- CARMO, Hermano & FERREIRA, Manuela Malheiro. (1998). *Metodologia guia da investigação: Guia para a auto aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CAVALCANTI, Joana. (2002). *Caminhos da literatura infantil e juvenil: Dinâmicas e vivências na ação pedagógica*, São Paulo: Paulus.
- CAVALCANTI, Joana. (2005). *E foram felizes para sempre? Releitura do Conto de Fadas numa abordagem psicocrítica*. Recife: Prazer de Ler.
- CAVALCANTI, Joana. (2010). A po(ética) da Infância e a Formação de Valores. *Saber & Educar*, 15.
- CAVALCANTI, Joana. (coord.) (2014). *Histórias no Feminino: A Influência das Narrativas na Construção Identitária de Mulheres Educadoras*. Belo Horizonte: Editora Miguilim.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. (1994). *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Editorial Teorema.
- COELHO, Nelly Novaes. (2000). *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna.

- COELHO, Nelly Novaes. (2005). Conto de fadas. *Revista Criança do Professor de Educação Infantil*, 38, 12-14. Consultado em 10/06/2014, disponível em <http://www.oei.es/inicial/revistas/crianca38.pdf>.
- COELHO, Nelly Novaes. (2010). *Panorama histórico da literatura infantil/ juvenil: Das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. (5ª ed.). São Paulo: Monole.
- COELHO, Nelly Novaes. (2012). *O Conto de Fadas*. Lisboa: Nova Vega Editora.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. (2006). *Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artemed Editora.
- CRESWELL, John W. (2007). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª ed.). Porto Alegre: Porto Alegre: Artemed Editora.
- DIECKMANN, H. (1986). *Contos de Fada Vividos*. São Paulo: Edições Paulinas.
- DURAND, Gilbert (2000). *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70.
- GRIMM. (1992). *Os mais belos contos de Grimm*. Ilustrados por Alexander Koshkin, tradução de Maria José Costa. Vol. 1. Porto: Livraria Civilização Editora.
- GRIMM. (1992). *Os mais belos contos de Grimm*. Ilustrados por Alexander Koshkin, tradução de Maria José Costa. Vol. 2. Porto: Livraria Civilização Editora.
- HILLESHEIM, Betina, GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. (2006). Contos de Fadas e Infância(s). *Educação & Realidade*, 31 (1). Consultado em 09 de junho de 2014 <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/22976>.
- JUNG, Carl Gustav. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- MÁXIMO-ESTEVES, Lídia. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Poto Editora.
- MENDES, Dalva das Graças. (2007). Contos de Fadas - Recurso pedagógico para uma aprendizagem significativa e prazerosa. *Revista do Professor*, 23 (91), 11-13. Consultado em 10/06/2014, disponível em <http://www.revistadoprofessor.com.br/site/sistema/as/artigos/19107.pdf>.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. (2012). *Metas de Aprendizagem Pré-escolar*, consultado em 08/06/2014, disponível em <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/educacao-pre-escolar/apresentacao/>.

- OBERG, Sílvia. (2006). *Irmãos Grimm Contos de Fadas*. São Paulo: Iluminuras Ltda.
- PONTES, Verônica Maria de A., AZEVEDO, Fernando Fraga de. (2008). A criança e a literatura infantil: uma relação fantástica em sala de aula. *Congresso Internacional Em Estudos Da Criança – “Infâncias Possíveis, Mundos Reais”*. Braga: Instituto de Estudos da Criança. Consultado 10/06/2014, disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8008>.
- PROPP, Vladimir (1992). *Morfologia do Conto*. Jaime Ferreira e Vítor Oliveira (trad.). (3.^a ed). Lisboa: Ed. Veja.
- QUIVY, Raymond. & CAMPENHOUDT, Luc Van. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Editora Gradiva.
- RODARI, Gianni. (2004). *Gramática da Fantasia*. (2^a ed.). Lisboa: Caminho.
- SHAVIT, Zohar. (2003). *Poética da Literatura para Crianças*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SILVA, Francisco Vaz da (coord.) (2013). *Contos completos dos Irmãos Grimm*. (1^aed.). Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- STRAUSS, Anselm & CORBIN, Juliet. (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (2^a ed.). Porto Alegre: Artemed Editora.
- TAILLE, Yves de La. (2010). Moral e Ética: Uma Leitura Psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (n^o especial), 105-114. Consultado 08/06/2014, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500009.
- TRAÇA, Maria Emília. (1992). *O Fio da Memória: Do Conto Popular ao Conto para Crianças*. (2^a ed.). Porto: Porto Editora.
- VIANA, Fernanda Leopoldina. (2002). *Melhor Falar para Melhor Ler: Um programa de desenvolvimento de competências linguísticas (4-6 anos)*. (2^a ed.). Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- VON FRANZ, Marie Louise. (1992). *C. G. Jung – Seu mito em nossa época*. São Paulo: Editora Cultrix.
- VON FRANZ, Marie-Louise. (1985). *A Individuação nos Contos de Fada*. S. Paulo: Paulus Editora.
- VON FRANZ, Marie-Louise. (1990). *A Interpretação dos Contos de Fadas*. (3^a ed.). São Paulo: Paulus Editora.
- VON FRANZ, Marie-Louise. (2002). *A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas*. São Paulo: Paulus Editora.

WARNER, Marina. (1999). *Da Fera à Loira: Sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras.

WINNICOTT, Donald Woods. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

ANEXOS